

COLEÇÃO APLAUSO **PERFIL**

DE CARNE E OSSO

ELIANA CASTRO

Imprensa **oficial**

LOLITA RODRIGUES

Lolita Rodrigues

De Carne e Osso

Lolita Rodrigues

De Carne e Osso

Eliana Castro

| imprensaoficial

São Paulo, 2008



Governador José Serra

Imprensa Oficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso
Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as conseqüências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa a resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileira vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira, no tempo e espaço da narrativa de cada biografado.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos extrapolam os simples relatos biográficos, explorando – quando o artista permite – seu universo íntimo e psicológico, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade por ter se tornado artista – como se carregasse desde sempre, seus princípios, sua vocação, a complexidade dos personagens que abrigou ao longo de sua carreira.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente a nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Desenvolveram-se temas como a construção dos personagens interpretados, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Gostaria de ressaltar o projeto gráfico da *Coleção* e a opção por seu formato de bolso, a facilidade para ler esses livros em qualquer parte, a clareza de suas fontes, a iconografia farta e o registro cronológico de cada biografado.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que nesse universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

À minha filha Sílvia.

Lolita

*À Lolita, por sua confiança. Aos meus pais,
Hélio e Clóris. Ao meu marido Luciano e aos
meus filhos Luís, João e Antonio.*

Eliana

Duas Lolitas em Minha Vida

A primeira vez que eu vi Lolita Rodrigues ela estava linda. A sua imagem era toda em preto e branco e ela morava dentro do tubo do televisor lá da casa dos meus pais, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Não faço idéia de quantos anos eu tinha – desde aquela época, já era péssima em fazer contas. Mas eu ficava encafifada como é que cabia tanta gente lá dentro daquele televisor. Especialmente quando assistia ao programa *Almoço com as Estrelas* e via todos aqueles artistas apinhados nas mesas. Como faziam para acomodar tanta gente dentro da TV?

15

Nunca dividi essa minha preocupação com mais ninguém. Mas nos sábados calorentos da minha infância, na hora do programa eu ficava sentada no chão, com os olhos grudados na TV. Está bem: não tão colados assim. Devo confessar que, por várias vezes, assisti ao *Almoço com as Estrelas* jogando cartas com minha irmã mais velha que não era muito chegada nessa coisa de artista. O fato é que eu tinha curiosidade e um certo carinho por aquelas pessoas que iam lá no programa. Como eles sempre estavam ali, tinha a sensação de que também eram meus amigos. Depois, ficava impressionada com a cantoria e com as peças de teatro que os convidados divulgavam. E, mesmo

sem saber direito onde é que ficavam os teatros Cultura e Eugênio Kusnet (que eu entendia Gusnet) fazia planos de, um dia, ir a São Paulo só para assistir a todos os espetáculos.

Outra coisa que sempre me encantava e estimulava meu desejo de assistir ao *Almoço* eram as roupas da Lolita. Achava todas maravilhosas. E, na minha inocência, acreditava que ela deveria ser uma mulher muito rica para comprar aquelas peças todas. A influência do seu modo de vestir era tanta que, quando eu brincava de Susi, tentava reproduzir com os vários retalhos de tecidos algum modelito tirado de Lolita, que também era considerada símbolo de elegância por minha mãe e por minha avó.

16

A primeira vez que eu vi Lolita Rodrigues ao vivo e em cores foi em 2004. E eu já sabia que os artistas não moravam dentro dos tubos dos televisores – uma pena. Era uma manhã gelada de julho. Ela estava me esperando em pé, na porta do apartamento dela, nos Jardins, em São Paulo. E mantinha o jeito elegante. Estava bem vestida de maneira discreta e quase sem maquiagem, com aqueles seus dois olhos de esmeraldas me observando com certa desconfiança. Gentil, me cumprimentou, ofereceu café e um assento no sofá da sua sala com decoração estilo europeu clássico. Em seguida, disparou: *Mas por que*

você quer fazer a minha biografia? Eu não sou uma pessoa interessante. Não tenho nada para contar. Sou igual a todo mundo.

Expliquei que não concordava com isso e que ela deveria ter uma história, no mínimo, muito curiosa; afinal, estava na TV desde seu nascimento. Ela fez cara de quem não se convenceu muito, mas respondeu: *Está bem.*

Durante o início desta minha visita, nosso encontro foi cerimonioso. Mas após meia hora de conversa, Lolita me surpreendeu ao convidar-me para conhecer o resto do apartamento impecavelmente arrumado. *Eu não tenho empregada. Cuido, eu mesma, das minhas coisas. Uma faxineira, para mim, basta.*

Depois desse nosso encontro ao vivo, tivemos mais quatro encontros, sendo que alguns deles ocorreram em 2006, para atualização dos dados e da pesquisa das fotos. E, a cada entrevista, com cerca de duas horas de duração, a imagem daquela Lolita do *Almoço com as Estrelas* e das personagens das novelas que eu conhecia ia cedendo espaço para uma nova Lolita, uma estrela de carne e osso.

Com o passar do tempo, nossas conversas, ao menos de minha parte, foram se tornando um

daqueles deliciosos papos soltos. Desses que a gente só consegue manter com a mãe, com o pai e com as tias queridas, em que eles contam passagens da vida e a gente escuta como se fossem contos da carochinha. Em uma entrega quase que absoluta, ela me revelou sua história pessoal que – como tentou me fazer crer –, por uma mera coincidência, se confunde com a história da TV brasileira.

18

Claro que ela não me contou tudo. Muitas coisas, ela confessa não se lembrar mais. Também existe muito pouco do mundo pessoal de Lolita registrado nos arquivos de jornais e revistas, internet e bibliotecas da cidade de São Paulo, o que, em vários momentos, me deixou refém das suas recordações. Além disso, é preciso confessar que há algumas passagens das quais ela se recorda muitíssimo bem, mas prefere deixar descansando em paz no arquivo da memória. *Não quero falar sobre o final do meu casamento com o Airton*, anunciou no nosso último encontro, como se tivesse lido meu pensamento – naquele exato momento eu tomava coragem para perguntar sobre isso a ela. *Acredito que existem coisas em que não se deve mexer. Essa é uma delas*, sentenciou, com a mesma firmeza com que costumava anunciar o final de nossas conversas. É que, sem ser rude, em determinado momento,

ela disparava, com toda sinceridade, uma das suas marcas registradas: *Ah! Agora, chega. Não agüento mais falar. Vamos parar. Estou cansada.* E eu obedecia.

No nosso encontro final, enquanto via as fotos e fazia seus comentários, Lolita se mostrou bem mais empolgada. Desta vez, tivemos três horas de conversa e ela acabou se lembrando de mais algumas curiosidades. Contou, por exemplo, que quando não tinha muito trabalho na TV Record, no final dos anos 60, ia a um programa de TV chamado *Essa Noite Se Improvisa*, apresentado por Blota Junior. Nele, os candidatos, sempre artistas, deveriam saber dizer qual era a música a partir de uma palavra. *Eu adorava! Na época, decorei 300 letras de música para poder sobreviver. E era sempre uma das finalistas, junto com Caetano Veloso, Chico Buarque, Simonal e Carlos Imperial. Mas nunca levei o carro, que era o prêmio máximo. Porque, quando chegava na última pergunta, eu ficava tão animada que soprava. Uma vez veio a palavra sinfonia. E eu disse baixinho para o Chico: Ave Maria no Morro. E ele ganhou o carro. Eu não me continha e entregava para o adversário o nome da música,* conta ela, com a mesma despreensão com que garante que o trabalho do artista não difere do trabalho de qualquer outra pessoa.



No programa Essa Noite se Improvisa, apresentado por Blota Jr.: Marília Medalha, Nara Leão (com blusa de listras diagonais), Lolita (nervosa com a mão na testa) e Hebe, primeira à direita. Ao fundo, o Regional do Caçulinha

Ser atriz não me faz melhor ou pior do que uma dona-de-casa. Pode ter me tornado uma pessoa mais conhecida. Mas isso é apenas um detalhe. E não é importante, jura Lolita, que em momento algum dos nossos encontros, tentou fazer da sua vida um grande espetáculo. O que aconteceu comigo poderia acontecer com qualquer outra pessoa. Não tem nada demais, disse-me inúmeras vezes. É... definitivamente, Lolita Rodrigues nunca foi uma atriz de morar em tubo de TV. Ela pertence ao mesmo mundo que o meu – o mesmo mundo que também é o de todos nós.

Eliana Castro

Capítulo I

De Carne e Osso

Nunca desejei a fama. Sempre quis ser gente de verdade, que pode ir à feira para comprar alfaces sem ser cutucada por um monte de pessoas. Não me acho famosa. Sou apenas uma pessoa conhecida e bem pé no chão. Nunca fui idealista. Poderia ter sido qualquer coisa na vida que me garantisse o sustento. Mas é claro que eu gosto de ser atriz. E, embora tenha começado minha carreira artística cantando, prefiro atuar.

Sou muito simples. Não tenho empregada e a comida de casa é congelada. Acordo e preparo, eu mesma, meu café. Adoro assistir TV. Em especial, os canais de língua espanhola, porque sou filha de imigrantes. Minha mãe, Isolina, vivia em um vilarejo chamado São Lourenço, uma aldeia da Espanha que até 1977, quando fui visitar, parecia perdido no tempo. Meu pai, Isaac, era de Pentes, outra aldeia igualmente simples. E, embora morassem apenas a cinco quilômetros um do outro, os dois nunca se encontraram. Cada um vivia sua vidinha humilde de camponês. Foi justamente por causa dessa falta de perspectiva de futuro que eles decidiram tentar a sorte aqui no Brasil, um país que prometia muitas oportunidades.

Minha mãe veio para cá com a irmã dela, a tia Maria, que, depois de um tempo em terras brasileiras, decidiu voltar para a Espanha. Meu pai veio para cá sozinho. Mas os dois não se encontraram no navio nem viveram um romance ao estilo do filme *Titanic*. Nada disso. Pelas histórias que me contavam, parece que se conheceram em um baile, em Santos, cidade em que moravam. Meu pai era estivador no cais do porto. E, em 1918, dois meses após se conhecerem, decidiram se casar. Muito desta união tinha a ver com o fato de serem imigrantes. Ele precisava de uma boa esposa para cuidar dele, da casa e para formar família. Nem preciso dizer que, por serem pessoas humildes, esse casamento foi uma cerimônia muito simples, apenas no civil, sem direito a vestido de noiva e a outras pompas que são reservadas apenas às pessoas com algumas posses. Tiveram cinco filhos. Primeiro nasceu o Francisco, apelidado de Paco. Depois veio o Mário, meu querido irmão, o único vivo até hoje, que é casado com a Edith, minha amigona de infância. Em seguida, nasceu o Milton. Só que ele morreu com apenas oito meses de vida. E aí, quando minha mãe teve outro filho homem, na seqüência, fez questão de colocar o nome de Milton. Eu sou a caçula. Nasci no dia 10 de março de 1929, na casa dos meus pais, no bairro do Marapé, em Santos.



*A casa onde Lolita nasceu, no bairro do Marapé, Santos.
Nas janelas, a mãe e os irmãos da atriz*

E meu nome de batismo é Sylvia Gonçalves. Cheguei ao mundo de parto normal, pouco antes da Quebra da Bolsa de Nova York, em 29 de outubro daquele ano.

Nessa época, o Brasil já começava a sentir os efeitos da crise iminente. Especialmente no porto, onde meu pai continuava trabalhando como estivador. Mas mesmo nos piores momentos da vida, meu pai era um homem alegre. Lembro-me dele, forte e bonito. Adorava vê-lo cantarolando músicas espanholas.

24

Minha mãe não era muito bem-humorada. Acredito que ela era assim porque tinha muito trabalho. Precisava cuidar da casa, dos quatro filhos, do marido e ainda fazer serviços para ajudar meu pai no sustento da família. Teve uma época que ela ia comigo catar café no cais. Depois, passou um tempão lavando roupa para fora. E eu, embora tenha sido a única da casa a ter entrado na escola, ia entregar as roupas limpas na casa dos clientes, descalça, com a trouxa na cabeça. Ajudava como podia. Sempre tive muito orgulho da minha mãe. Ela era uma mulher linda. Veio para o Brasil quando tinha 14 anos. Era uma lutadora e, talvez por causa disso, uma pessoa extremamente prática. Estava sempre arrumada, mesmo sem ter dinheiro.



Lolita, ainda bebê, com figurino especial, repleto de laçarotes. Atrás da foto, a seguinte dedicatória: Amis Queridos Avuelos, Lês mando mi retrato como prueba de cariño. Su nieta, Sylvia



A família Gonçalves: na frente, os pais, Dona Isolina e Seu Isaac. Atrás (esquerda para a direita), Milton, o tio Pepe, Pão, Lolita e Mário

Meus irmãos sempre foram pessoas queridas. Fizem apenas o curso primário, porque, assim que ficaram mais crescidinhos, começaram a ajudar meus pais com as despesas da casa. Não tinham um emprego certo. Faziam todo tipo de serviço que aparecia. Eram operários.

Nossa família era unida. Existia amor e respeito entre nós. Todo mundo dava um duro danado e conversar era nossa diversão. Apesar de serem pobrinhos, meus pais eram generosos. Tem uma história que ilustra bem essa generosidade dos dois. Na noite do casamento deles, foram capazes de abrir mão da própria lua-de-mel para acolher um casal de amigos – o seu Emílio Carrera e a dona Carmen Carrera –, que não morava em São Paulo e não tinha como voltar para a cidade em que vivia porque, após a cerimônia, não havia mais condução. Meus pais hospedaram os dois na casinha deles, que era apertada, modesta. Minha mãe e a amiga dormiram juntas na mesma cama. E meu pai e o amigo, típicos cavalheiros, dormiram no chão. Tempos mais tarde, me tornei amiga da filha deste casal, a Odete. Ela é cantora e seu nome artístico é Triana Romero. Acho que ser fiel às boas e velhas amizades é algo que herdei dos meus pais, porque essa nossa boa relação permanece até hoje. Ela me chama de Sylvia e eu a chamo de Odete. Eu sou o tipo de criatura que, quando é

amiga, é amiga de verdade – e para a vida inteira! Durante todos esses anos de carreira conheci pessoas maravilhosas e interessantes. Nem todas se tornaram amigas. São colegas. Gente querida, mas com quem não tenho intimidade. Claro que, ao longo do tempo, também fiz alguns amigos queridíssimos no meu ambiente de trabalho. Acontece que, se eu fizer um balanço hoje, posso dizer que a maioria das minhas amizades está fora do meio artístico, é coisa antiga, como no caso da Odete. É que, para ser sincera, tenho uma tremenda preguiça de fazer novas amizades. E, ultimamente, não gosto de sair. Moro sozinha em um apartamento nos Jardins, em São Paulo. Minha única filha, a Sílvia, é médica. E não é dessas médicas ricas. Ela é solteira e totalmente devotada ao trabalho com comunidades carentes. Trabalha e mora em João Pessoa. Posso dizer que minha filha é uma missionária. E é feliz com a vida que escolheu para si. Não se casou e está sempre cuidando dos mais necessitados. Eu respeito muito a opção dela e tenho orgulho de ter uma filha assim. A distância física faz com que eu tenha saudade. Mas a gente se fala diariamente pelo telefone. Ela vem a São Paulo quando pode. Geralmente, em datas especiais, como aniversários. A maior parte do meu tempo passo longe dela e, assim, acabei me conformando e me acostumando com uma rotina solitária. Por isso, ando tão atacada pela preguiça!



Minha filha, durante a formatura do curso de Medicina

Me acomodei e agora só mantenho contato com os amigos antigos, aqueles que me acompanham a vida inteira.

A Nair Bello era uma dessas amizades eternas. Ela e eu trabalhamos juntas no programa *Zorra Total*, mas quando não estávamos juntas, gravando, nos falávamos umas quinhentas vezes por dia ao telefone. Ela era uma amigona e também uma figura. Costumo dizer que a Nair era a mulher do minuto seguinte. É impressionante como ela era ansiosa. Quando viajava com ela para o Rio, onde gravávamos, parecíamos duas loucas, porque a



Com Nair Bello e Elias Gleiser no humorístico *Zorra Total*

Nair não tinha paciência! Se estava entrando no táxi, já queria saber como faria na hora em que chegássemos ao nosso destino. Ela estava sempre pensando lá na frente. A Nair era maravilhosa!

A Hebe, também é muito minha amiga, só que, ao contrário do que as pessoas imaginam, nós nos vemos raramente. Nos conhecemos em São Paulo, quando trabalhávamos na rádio Tupi. Estávamos com 15 anos e já éramos profissionais. Morávamos perto e logo fizemos amizade. Acontece que a carreira da Hebe cresceu muito. A agenda dela é lotada e ela vive sem tempo. Então, continuamos boas amigas, é óbvio, mas não é daquelas amizades de estar o tempo todo coladas. Todo mundo que não é do *metier*, imagina que artista acorda sempre arrumado, bem penteado, tem vida fácil. Mas a coisa não é desse jeito. É preciso batalhar muito. E nem sempre dá para ter um lado pessoal organizado que possibilite conciliar profissão com espaço para encontrar as pessoas queridas. Vejo por mim mesma. Quando estou livre, penso em rever um amigo, mas aí fico sabendo que ele está gravando, viajando, ocupado.

Isso me leva a ver com mais assiduidade os amigos que não são artistas. De vez em quando, saio com um e com outro para ir ao teatro, ao restaurante ou vou sozinha fazer minhas coisas.



Lolita, o maestro Rui Martinês e Hebe Camargo, em sua versão morena natural, durante o aniversário da Rádio Guarani, em Belo Horizonte: Fomos cantar!

Não me acho melhor que ninguém. Eu sou igual a todo mundo. Esse negócio de celebridade é uma grande bobagem. Quem disse que uma atriz é melhor ou mais importante do que uma dona-de-casa? Cada pessoa tem o seu valor. Cada uma está fazendo o melhor que pode. A vida, para todo mundo, é luta. E cada pessoa luta do seu jeito.



Em frente à câmera da PRF3-TV Difusora, Tupi

Capítulo II

A Videota

Eu sou uma *videota*. Quer me tirar do sério ou me ver ficar louca da vida? Basta tirar a minha televisão. De manhã eu acordo e já ligo em um desses canais de língua espanhola. Adoro! Além de ficar bem informada, exercito a língua dos meus pais. Fora isso, assisto a todas as novelas que são boas. Gosto de ver o desempenho dos colegas. Sinto verdadeiro prazer em acompanhar alguns trabalhos e faço questão de elogiar quem se sobressai. Há um tempo, estava encantada com a atuação do Tony Ramos em *Cabocla*. Achei que ele estava muito bem. Fiquei tão emocionada com a interpretação dele naquela novela que liguei para Etty Fraser e pedi a ela o telefone do Tony. Aí, liguei para ele e disse o quanto estava impressionada com o belíssimo trabalho que estava desenvolvendo na novela. Mas eu não faço elogios, porque sou boazinha ou porque quero bajular – Deus me livre de ser ou de me aproximar de gente bajuladora, coisa que *de-tes-to!* Se acho que um trabalho é bom, faço questão de dizer isso direto para a pessoa. Quando não gosto, me calo. Nunca faço críticas. Acredito que cada um dá o melhor de si enquanto está atuando. Mesmo quem não tem talento faz o melhor



Aos 10 anos, fantasiada de espanhola para exibir seu talento no Teatro Coliseu, em Santos, em programa de rádio. Aprendi a dançar com uma professora alemã chamada Rose Del Jano. As castanholas, feitas pelo meu pai, guardo comigo até hoje

que pode. Então, é preciso ter respeito. Para que fazer um comentário desagradável? Dou muito valor ao esforço que o artista faz. Sei o quanto é duro construir uma carreira. Eu comecei a minha bem cedo e também não foi fácil.

Minha família foi obrigada a mudar-se para São Paulo em 1942. Naquela época, em Santos, quase não havia mais trabalho para o meu pai. Em compensação, na década de 40, a cidade de São Paulo teve um grande crescimento e oferecia mais oportunidades. Por isso, meu pai foi para a capital, onde logo conseguiu um emprego de carroceiro das Indústrias Matarazzo. Só que eu continuei em Santos por mais dois meses lá, hospedada na casa da família Auriema, amigos nossos. Havia ganhado uma bolsa de estudos no conservatório da cidade e não queria abandonar tudo. Estudava piano e era boa aluna. Assim que consegui uma transferência para um conservatório de São Paulo, me uni à família. Estava com 13 anos e voltei a morar com meus pais, meus irmãos Paco, Mário e Milton e meu tio Pepe, irmão da mãe. Nossa casa ficava em uma vilazinha na Rua Maria Eugênia, ao lado da Igreja Cristo Rei, no bairro do Tatuapé. As coqueiras da Matarazzo ficavam próximas de onde a gente morava, na Rua Tuiuti. Depois, quando vendemos a nossa casinha de Santos – que era

bem modesta –, compramos uma outra em São Paulo, um pouco maior, na Avenida Conselheiro Carrão, também no Tatuapé. Passei toda a minha adolescência ali no bairro. E guardo lindas lembranças de lá. Aquele lugar era uma delícia! Tenho muita saudade daquela época. Eu era pobrinha, mas tudo na minha vida era gostoso. Tinha muitos amigos na vizinhança. Todo mundo era gente boa. Eu estudava na Fernão Dias, uma escola particular. Aos domingos, ia à missa com as amigas.

38

Adorava aquela minha vidinha simples. Depois de um tempo, fui estudar no Brás, na Escola Normal Padre Anchieta, onde fiz o curso completo. Estava sempre na correria, mas era feliz. De manhã, tomava o bonde Penha-Sé e já ia para a aula de piano no conservatório. Assim que a aula do conservatório terminava, passava rapidinho na sede da Liga das Senhoras Católicas, ali perto, para mudar o uniforme. Mantinha a camisa branca, as meias $\frac{3}{4}$ e os sapatos. Só precisava trocar a saia marrom, usada no conservatório, por uma azul-marinho, que era a da escola.



Aos dez anos, flor no cabelo e pinta de artista, pronta para cantar no Teatrinho de Brinquedo de Dindinha Sinhá, na rádio Atlântica de Santos



Estava pronta para uma apresentação de rádio. Eu tinha dez anos

Capítulo III

O Princípio de Tudo

Durante um tempo ajudei minha mãe a catar café no cais do Porto de Santos. Um belo dia, minha mãe pediu a uma senhora, que também trabalhava ali, para cuidar de mim enquanto ela dava um pulo em casa para servir o almoço para meu pai e para meus irmãos. Continuei catando o café até que caí de um banco e quebrei o braço. Minha mãe, em vez de me levar para a Santa Casa, me levou para a casa de um homem, um curandeiro que dava choques elétricos. Ele cuidou do jeito dele, mas, mesmo assim, meu braço não parava de doer. Como a dor não parava, minha mãe me levou ao hospital, uma semana depois. E os médicos não queriam me atender. Para conseguir que eu fosse cuidada, mamãe teve que inventar um monte de coisas. Disse que era analfabeta, que morava em Cubatão e que não sabia que precisava ter levado a filha ao pronto-socorro no dia da queda. Quando removeram o gesso, meu braço estava inchadíssimo e tiveram de quebrar o osso novamente para colocá-lo no lugar. Foi horrível. Mas mamãe era muito religiosa, embora não fosse de ir à missa. Por isso, fez uma promessa para Santa Tereziinha e saiu batendo de porta em porta pedindo



Aos seis anos, vestida de Santa Terezinha, para sair em procissão e pagar promessa

um tostão para cada pessoa. Ninguém podia dar mais nem menos: ela só pegava um tostão. Quando fiquei boa, saí em uma procissão vestida de Santa Terezinha para agradecer a graça alcançada. Eu estava com seis anos.

Só comecei a cantar em programas infantis na rádio quando estava com dez anos. Minha mãe viu que eu gostava de música e que tinha jeito pra coisa. Então, me levou para a rádio Atlântica, em Santos, no programa *Teatrinho de Brinquedo*, criado por Hermenegildo Rocha Brito, dono da rádio, que atingiu seu apogeu sob a direção da dona Alayde Ferraz de Camargo, conhecida como Dindinha Sinhá. Para cantar e dançar, me fantasiava ou ia impecavelmente vestida, com flor no cabelo ou na roupa. Uma das vezes, me apresentei vestida de espanhola no *Teatrinho de Brinquedo*. Essa fantasia, embora bem-feitinha, era uma pobreza. Para compor com a roupa, meu pai fez, com o canivete, umas castanholas para eu usar especialmente naquela ocasião. Tenho estas castanholas guardadas comigo até hoje.

Logo que me mudei para São Paulo, minha mãe me incentivou a participar de todas as horas do calouro das rádios. Na primeira vez que fui me inscrever em um desses programas, mamãe teve uma idéia. Nós duas estávamos des-

cendo a Avenida São João, rumo à Rua Duque de Caxias, quando ela me disse: *Vou mudar seu nome para Lolita Rodrigues. Lolita, porque você tem uma prima na Espanha com este mesmo nome. E o Rodrigues, por causa dos seus primos que moram lá em Santos.* E assim foi. Tornei-me Lolita Rodrigues, comecei a fazer sucesso e a ganhar meu próprio dinheiro. E como eu cantava muitas músicas espanholas, logo recebi o apelido de Lolita, La Salerosa.

44

Um dia ganhei 500 mil réis no programa *Hora da Peneira*. Foi o grande prêmio chamado Peneira de Ouro, onde concorri com outros 12 candidatos do programa que venceram ao longo de um ano. Fiquei superfeliz, porque pude dar de presente para minha mãe o conjunto de móveis para a sala de visitas lá de casa. Cantei muito em horas de calouros até que, em 1944, o Murilo Antunes Alves, que gostava muito de mim, resolveu me levar para a Record. Foi meu primeiro contrato de verdade.

Em 1949, me formei no Normal e, no ano seguinte, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Só que não tirei diploma do curso de música. Tudo por causa de um grande mal-entendido. Quando fiz a transferência para o curso de São Paulo, ninguém me explicou que, no momento da inscrição, eu deveria mencionar



Aos 10 anos, como espanhola

que estava no ginásio. Como não fiz isso, passei nove anos estudando música e, apesar da festa de formatura, não levei meu diploma. O que eu fiz sem saber era chamado de curso livre. Nem me passava pela cabeça que aconteceria algo assim, porque eu freqüentava as aulas direitinho, fazia exames, tinha nota e cumpria tudo à risca. Mas, depois de formada, a mensalidade do aluguel do piano que eu usava para estudar e tocar em casa subiu de 80 para 200 mil réis. Como eu era pobrinha, precisei devolvê-lo para a Casa Bevilacqua, uma loja que ficava ali no centro de São Paulo, na Rua Direita. Sem o piano, nunca mais toquei na vida. Também não senti falta. Sou uma pessoa muito resignada. Costumo me lamentar. É meu grande defeito. Mas não sou do tipo que fica infeliz para todo o sempre. Posso ficar chateada um dia, um dia e meio, mas ficar desesperada, não fico não! Acho que se uma coisa não pode ser, não pode ser e pronto. Toco a vida para frente. Me conformo. E depois, eu precisava me preocupar com o trabalho. Não dava tempo para ficar sofrendo por causa disso. Tinha meu trabalho na rádio e cheguei a receber dois troféus Roquete Pinto como a Melhor Cantora Internacional. No ano em que este evento foi criado, 1950, levei o meu primeiro prêmio. Essa premiação, criada pela Associação dos Funcionários das Emissoras Unidas, um conglomerado que englobava as



Em 1939, no programa Teatrinho de Brinquedo. No fundo, à esquerda, a mãe, dona Isolina. No centro da foto, dona Alaíde Ferraz de Camargo. Lolita é a primeira da fila, à direita, entre dois meninos



Na formatura do Grupo Escolar Brás Cubas, em Santos, Lolita ao lado da professora. O senhor de óculos é o diretor Vilela



Lolita, na primeira fila, centro, em foto comportada da formatura do ginásio, 1947



Em frente à Igreja de Santa Cecília, São Paulo, após cerimônia religiosa da formatura do conservatório de música. Lolita está na frente, ao lado do diretor, 1950

rádios Record, Panamericana e São Paulo, visava estimular os melhores do rádio, da música e da televisão. Mas nenhuma dessas premiações me subiu à cabeça. Nunca fui de vangloriar-me.



Aos 15 anos, em início de carreira, como cantora de rádio: Isso foi em 1944. Olha como o microfone era horroroso!



Lolita, 19 anos, numa das muitas vezes em que usou traje de espanhola para se apresentar

Capítulo IV

A Era da Inocência

Na época em que era mocinha, todas as garotas eram ingênuas. Não sabiam nada da vida. Eu também era assim. Meu primeiro beijo foi roubado. E foi dado por um garoto chamado Walter, que era meu vizinho. Eu estava com 13 anos. Lembro que estávamos conversando ao lado da igreja Cristo Rei, quando ele me puxou devagarinho e deu um beijo no rosto. Fiquei assustada. Saí correndo como um vento e entrei na igreja para pedir perdão. Rezei feito uma louca, porque achava que poderia ter engravidado. Naquela época, os pais não falavam sobre sexo com os filhos. A gente morria de medo de tudo! Podia até ter um ou outro namoradinho. Mas o namoro daquele tempo era inocente. Bastava pegar na mão. Mesmo assim, para pegar na mão era duro. Beijar no rosto, então, era uma ousadia. Não deixávamos qualquer um fazer isso! E beijo era um assunto tão sério que nós só discutíamos em segredo – e entre as amigas íntimas. O beijo roubado do Walter foi um susto. A gente não namorou. Aliás, nunca fui de namorar muito. E não era porque meus pais não deixavam ou porque fossem bravos. Eles sabiam que eu era muito ajuizada e sempre foram tranquilos em

relação à minha vida amorosa. Até porque nem dava tempo para eu ficar pensando nesse assunto. Precisava trabalhar. Com isso, tive pouquíssimos namorados. Além da batalha, atribuo esse desinteresse em ter namoricos à minha personalidade. Várias amigas que também eram ocupadas adoravam flertar. Eu não. Tive apenas um namoro sério, que foi o Airton Rodrigues, com quem logo me casei. Não vou falar sobre o final do meu casamento, porque saí muito machucada e não quero mais mexer nisso. Mas o curioso da história é que o meu romance com o Airton começou praticamente junto com o nascimento da TV Tupi, a primeira emissora de TV no Brasil em 1950.

Capítulo V

Nasce a TV Tupi

Sempre tive muita sorte na minha profissão. Não gosto nem de falar, para não causar ciúmeira, mas todos os personagens que interpretei, eu adorei. Cheguei até a fazer um filme chamado *Quase no Céu*, em 1946. No elenco estavam Lia



A turma do filme Quase no Céu, de 1946. Oduvaldo Vianna pai, autor do filme, está de óculos e terno; Dionísio de Azevedo, à direita dele; Ciro Barssini, de bigode, atrás. Lolita entre Maria Vidal, de blusa listrada, e Lia de Aguiar, de saia branca

de Aguiar, Dionísio Azevedo, Maria Vidal e Heitor Carillo, que trabalhou com o nome de Paulo Alencar. O Heitor e a Lia faziam o par romântico e eu era a antagonista. O filme era do Oduvaldo Viana pai e foi uma incursão da Tupi no mundo do cinema. A empresa se chamava Companhia Cinematográfica Tupi e foi criada antes mesmo de a emissora de televisão existir. Mas nem me lembro direito desse filme. Minhas maiores recordações são das histórias da TV.

54

No dia 18 de setembro de 1950, a Tupi, ou PRF-3 TV Tupy-Difusora, fez a sua grande cerimônia de inauguração. Para a festa, reuniram grandes nomes do rádio: Lima Duarte, Lia de Aguiar, Ivon Cury, Walter Forster e mais uma porção de artistas famosos. O Airton, que já tinha certo destaque, estava lá. Ele era secretário do Assis Chateaubriand e, na época, ainda não namorávamos. Os anfitriões da cerimônia foram o apresentador Homero Silva e a atriz Yara Lins. O Cassiano Gabus Mendes operou a mesa de corte naquela noite. Por causa disso, é considerado o primeiro diretor da TV brasileira. O resto da festa todo mundo já sabe – essa história foi contada e recontada inúmeras vezes: a Hebe havia sido escalada para cantar o tal do *Hino da Televisão Brasileira* – que é um horror! A música é do maestro Marcelo Tupinambá e a letra, do

poeta Guilherme de Almeida. Mas a danada da Hebe desistiu na véspera. Deu a desculpa de que estava doente e rouca. Hoje, o mundo inteiro sabe que isso foi invenção dela. Eu guardei o segredo por anos, mas ela própria acabou revelando a verdade. Ela tinha um namorado, o Luis Ramos, que era do grupo de jornais *Folhas*, irmão do José Nabantino e do João Batista Ramos. E ele exigiu a presença dela em um outro evento, o das Lojas Assumpção, que foi realizado na mesma noite da inauguração da Tupi. E como a Hebe estava apaixonada, desistiu de cantar o tal do *Hino da Televisão*. Sobrou para mim e eu fui. Usei o mesmo vestido que havia feito para minha formatura na Escola Normal, porque não dava para eu ficar gastando dinheiro com roupas. O dinheiro, para mim, sempre foi curto.

55

A cerimônia da festa da Tupi durou cerca de duas horas e foi uma aventura. A equipe era formada por uma mistura de técnicos do cinema com artistas de rádio e de teatro. Todo mundo estava empolgado, porque sabia da importância daquele momento. Acho que foi por isso que, no final, deu tudo certo. Teve um atraso na abertura do espetáculo *TV na Taba*, no qual o Mazaropi fez uma participação. Na hora H, uma das três câmeras não funcionou. E não foi culpa do Assis Chateaubriand, como conta o folclore.



Em 1949, Lolita discursa na formatura do Curso Normal, com o mesmo vestido usado na inauguração da TV Tupi

Dizem que ele teria quebrado uma garrafa de *champanhe* em uma das câmeras. Bobagem! A câmera pifou mesmo. Havia um nervosismo no ar, o que era natural. Mas a cerimônia saiu, com grande orquestra, coral e comigo cantando o hino. E apesar desse problema, tudo deu certo. Naquela noite, havia 200 televisores ligados, que o Chatô distribuiu pela cidade.

O Airtton se tornou o primeiro cronista da televisão brasileira. Mas, além de fazer TV, continuava a freqüentar a rádio Tupi, onde eu trabalhava. É que o clima entre as pessoas da rádio e da TV era extremamente familiar e todos eram amigos. Não havia estrelismo, nem essa coisa de artista que visa apenas se tornar rico e famoso. Hoje em dia, as pessoas só pensam em ganhar dinheiro. Mas quando começamos, o trabalho na TV não era bem remunerado. Não existia *glamour*, não existia figurinista, continuísta, cenógrafo. Todo mundo precisava fazer um pouco de tudo. A gente levava roupa, móvel e objetos de casa ou pegava coisas emprestadas dos amigos e da família. Uma vez, estávamos fazendo uma cena em que o meu amigo, o queridíssimo Dionísio Azevedo, tinha que morrer. Só que, para essa cena, levaram um jacaré vivo e amorçado. Quando o Dionísio viu aquele bichão ali,

naturalmente, se apavorou com a idéia de ter de cair no chão para morrer. Por isso, acabou morrendo em pé mesmo, encostadinho a uma das paredes. Esses improvisos eram comuns.

Comecei a fazer televisão numa época que TV era artesanato. No início da Tupi, eu cantava e apresentava. Fiz o programa *Música e Fantasia* com o J. Silvestre no início dos anos 50. E foi nesse programa que tive a oportunidade de cantar com o Grande Otelo. A história foi simples assim: eu estava na minha casa, passando roupa e o Teófilo de Barros Filho, diretor-geral da Tupi daquela época, mandou um carro me buscar lá no Tatuapé, porque a moça que iria cantar com o Grande Otelo tinha faltado. Então eu aprendi na hora a música *Os Quindins da Iaiá*, para poder fazer dupla com ele. Nem preciso dizer que foi uma honra e que eu fiquei emocionadíssima.

58

Participei de outros musicais como o *Folias Philips*, de Abelardo Figueiredo, nos anos 50. E, um dia, olhando fotos antigas, vi uma com a cena de encerramento desse musical. Eu estou lá no alto, como a grande estrela. E, na fileira abaixo da minha, está uma corista que, para minha surpresa, descobri que era a Norma Bengell.



Grande Otelo e Lolita cantando Os Quindins da Iaiá, no Música e Fantasia: Fiquei emocionadíssima!



Os apresentadores Lolita e J. Silvestre, no Música e Fantasia, 1955

Também cantei no *Antártica no Mundo dos Sons*, supermusical da Tupi, com direção de Georges Henri. O que pouca gente sabe é que fiz alguns programas infantis: *Chá das Bonecas* e um outro na TV Cultura, onde trabalhei por mais de um ano, sem ganhar nada. É que a Cultura era uma espécie de irmã caçula da Tupi e ambas pertenciam ao conglomerado Diários e Emissoras Associadas do Brasil e o *casting* da Tupi era obrigado a dar uma força. Ainda tive um outro programa para crianças em um canal de Belo Horizonte. Não me recordo o nome desse programa, mas sei que eu dividia o palco com o palhaço Moleza, o querido Carlito Cerezo, pai do jogador de futebol Toninho Cerezo.



Com Nélia Simões e J. Silvestre, no programa Música e Fantasia, da TV Tupi



No programa Música e Fantasia, quando recebeu Zizi Jeanmaire (de cabelo louro comprido)



Apoteose do programa Folias Philips, musical de Abelardo Figueiredo. No topo, a estrela Lolita e... surpresa: na segunda fila, à esquerda, a então corista Norma Bengell



Cantando No Tabuleiro da Baiana, em número musical do programa Folias Philips



Lolita e o maestro Erlon Chaves, no programa Antártica no Mundo dos Sons, da TV Tupi



No Antártica no Mundo dos Sons, no número Boneca de Pixe, com William Founeau



Lolita e Erlon Chaves, no programa Antártica no Mundo dos Sons, na TV Tupi



Em 1960, Lolita em programa infantil da TV Cultura, afiliada da TV Tupi



Nos anos 60, Lolita apresentava um programa infantil na TV Itacolomi, em Belo Horizonte. Seu companheiro de palco era o palhaço Moleza, pai do jogador de futebol Toninho Cerezo



Com Moleza, em ação, na TV Itacolomi

Capítulo VI

Olhos de Esmeralda

Apesar de ter cantado e apresentado diversos programas, eu queria ser atriz. E pedia para o Cassiano Gabus Mendes me deixar fazer teleteatro. Comecei aos poucos. Entrava muda e saía calada de uma cena. Sempre fui assim. Não me importava muito com o tipo de trabalho que iria fazer. Um dia participava de um espetáculo como figurante. No outro dia, ganhava uma fala. Não tive pressa e, aos poucos, consegui o meu primeiro trabalho como atriz. E, em 1957, fiz a Esmeralda em *O Corcunda de Notre Dame*, que passava todas as terças e sextas-feiras, à noite, na Tupi. O Douglas Norris era o Quasímodo e o Henrique Martins, o Phoebus. Nessa história, eu fui a estrela. Era um teleteatro, portanto, encenado ao vivo. Eu era bonitinha, morena de olhos verdes, sabia cantar, dançar, representar e, importante: tocava castanholas. Ainda era inexperiente e me inspirava nas atrizes – e amigas – que admirava, como a Márcia Real, a Lia de Aguiar e a Laura Cardoso. Acho que deu certo.

Na primeira fase da TV tudo era ao vivo. E os artistas que vinham de rádio tinham como o maior desafio descobrir qual a técnica de inter-



Lolita e Douglass Norris (Quasímodo), em cena de O Corcunda de Notre Dame



Em cena do teleteatro O Corcunda de Notre Dame, estréia de Lolita como protagonista, como Esmeralda. O ator Fernando Baleroni, amigo querido, de roupa escura, como o rei dos mendigos

pretação para esse novo veículo, a televisão, que estava nascendo. No início, os atores ficavam estáticos e trabalhavam mais as expressões do rosto, aproveitando-se dos enquadramentos das câmeras. Mas o fato de nada ser gravado, das coisas acontecerem na hora, tornava o trabalho tenso e, ao mesmo tempo, divertido.

Uma vez estavam encenando *Os Miseráveis*, adaptação feita por Walter Negrão e Chico de Assis da obra homônima de Victor Hugo. O Lima Duarte fazia o Jean Valjean e o Fernando Baleroni, que a gente chamava carinhosamente de Balé, era o inspetor Javert. Estávamos encenando em plena noite do dia 31 de dezembro, quando, de repente, sem mais nem menos, o Walter Stuart, que já devia ter tomado umas e outras na padaria ao lado da emissora, entrou no estúdio com um copo de *champanhe* na mão e disse: *Balé, eu vim aqui só para lhe desejar feliz Ano-Novo.*

72

Em 1963 tive a oportunidade de trabalhar na minha primeira novela de videotape, na TV Excelsior. Ela se chamava *2.5499 Ocupado*, e ficou no ar de julho a setembro. No elenco estavam Glória Menezes e Tarcísio Meira, o casal protagonista. Eu era a Laura, a antagonista, e também contracenava com Neusa Amaral, Lídia Costa e Célia Coutinho. De outubro a novembro do mesmo ano, fiz *Aqueles que Dizem Amar-se*. Esta foi a

segunda novela diária da TV brasileira e uma versão de um texto do Alberto Migré. A personagem se chamava Mariana e contracenei com artistas maravilhosos como Carlos Zara e Neusa Amaral. Não me lembro direito dos detalhes, mas sei que adorei a experiência. No ano seguinte, fiz *Ambição*, da Ivani Ribeiro, com Tarcísio Meira, Arlete Montenegro, Lídia Costa e Dionísio Azevedo. A história era de uma moça pobre vivida pela Arlete. Ela queria ascender a qualquer custo. Na trama, eu era a irmã menos ambiciosa e me apaixonava por um homem rico, o Tarcísio, formando, assim, um triângulo amoroso. Essa foi a primeira novela a fazer um grande sucesso. A Arlete teve de ser protegida pelo namorado, porque, por várias vezes, quase apanhou na rua. Naquele tempo, isso foi uma surpresa, porque ninguém esperava tanto assédio do público. Nem fazíamos idéia do alcance que a TV poderia ter. As pessoas que acompanhavam a trama achavam que as coisas que aconteciam na novela eram reais. Então, se alguém se casava na história, era comum recebermos presentes dos telespectadores. Era uma época de total inocência.

73

Ambição foi a primeira novela da TV brasileira a ter uma cena realizada em um ambiente real. É que os patrocinadores resolveram investir em uma cena realizada em locação externa, tamanha

a repercussão da novela. Então, no capítulo final, fizemos o casamento do meu personagem com o do Tarcísio na Igreja da Consolação, em São Paulo. Mas foi um desastre. A multidão interrompeu o tráfego da região, atrapalhou a gravação e, até onde se sabe, danificou alguns objetos da igreja. Afinal, as pessoas não estavam acostumadas a esse tipo de gravação. Hoje a TV é algo normal. Naquela época não era comum gravar cenas externas. Tudo era uma experiência, uma aventura. Até então as novelas eram gravadas no palco do Teatro Cultura Artística, perto da Praça Roosevelt, em São Paulo. E os atores só podiam começar a trabalhar quando a programação do teatro se encerrava, por volta da meia-noite. Como nós precisávamos aproveitar bem o tempo, ficávamos lá até às nove, dez horas da manhã. Gravávamos alucinadamente. Tudo era demorado. Precisava de um jardim? Esperava montar um banco, colocar umas plantas, só daí é que rodava. Depois, esperava desmontar o jardim e montar outro cenário. Era uma loucura. Só mais tarde é que começamos a usar os estúdios da Vera Cruz. Foi quando fiz *O Pintor e a Florista*, de Cláudio Petraglia, baseado em texto de Alberto Migré. Eu era a florista e o Armando Bogus era o pintor. E foi a partir daí que a nossa vida de artista melhorou. Levantava às cinco da madrugada e começa a gravar às sete da manhã. Para nós isso já era um luxo.

Capítulo VII

Onze Anos em um Sofá

O pessoal da rádio e da TV se conhecia e se respeitava. Formávamos um grupo unido. E o Airton era um dos meus amigos de trabalho. Em uma bela tarde, enquanto estávamos conversando, comentei que estava louca para assistir ao filme *Ladrões de Bicicleta*, do Vittorio De Sica. Era um filme super-recomendado e eu estava curiosíssima. No meio do papo, o Airton perguntou se ele poderia ver esse filme comigo. Aceitei. No dia seguinte, fomos ao Cine Metro, que ficava na Avenida São João. Era um cinema belíssimo, em estilo *art déco*, um ponto de encontro entre as pessoas que moravam na cidade. E naquele tempo, quando alguém ia ao cinema, vestia-se bem, porque era um programa especial. Então, o cinema tinha, além do filme, toda a magia de um lugar elegante. Assim que entramos na sala de projeção e o filme começou, o Airton me perguntou: *Posso segurar a sua mão?* Eu disse que podia. E foi assim que começamos a namorar. Eu nunca vou me esquecer dessa data: 13 de outubro de 1950. Estava com 21 anos e foi o dia que ele me pediu em namoro. Tudo muito certinho, como se fazia antigamente. Dois meses depois, quando me formei no conservatório de música, o Airton chegou na casa dos meus pais

com as alianças. Ficamos noivos antes de ir para o baile de formatura. No dia 28 de julho de 1951, nos casamos. Fiz meu vestido com uma costureira do bairro. Era um modelo com pouca cauda e confeccionado em cetim duchese.

A cerimônia religiosa foi na igreja Nossa Senhora do Carmo. Depois, teve uma festa muito simples, regada a chope. E como todos os amigos que trabalhavam lá na TV Tupi foram convidados e compareceram, nosso casamento foi bastante animado.

76

O Edmundo Monteiro, que foi padrinho de casamento do Airton, nos deu de presente uma viagem para o Rio de Janeiro, com hospedagem no hotel São Francisco. Como o nosso vôo era às dez da noite, tivemos de sair correndo da festa para embarcar, senão perderíamos o avião. Por causa da pressa, não deu tempo de cortarmos o bolo de casamento. Quando voltamos a São Paulo, tive uma surpresa: minha mãe não havia deixado ninguém comer o nosso bolo, porque achava um absurdo fazer isso sem a presença dos noivos. Ou seja: quando chegamos, uma semana depois, o tal do bolo já estava estragado e tivemos de jogar tudo fora.

Sobre meu casamento, posso dizer que ele nunca atrapalhou minha carreira. Ao contrário, meu



Airton, Lolita e a filha Sílvia

marido sempre estimulou minha carreira. O Airton trabalhava no jornal *Diários Associados*, lá na Rua 7 de Abril, no centro de São Paulo. Morávamos na casa dos meus pais, na Rua Sousa Breves, no Tatuapé, ocupando o mesmo quarto que era meu, quando solteira. Para nos acomodar, compramos um sofá-cama, uma cômoda, um guarda-roupa e uma mesinha redonda baixinha, que é a mesma que hoje está na entrada da sala do meu apartamento. Airton e eu dormimos onze anos neste sofá-cama. Batalhamos muito para conseguir construir nossa casa própria. Havíamos comprado um terreno perto da Rua Alfonso Bovero, no Sumaré. O terreno ficava em uma várzea. E não víamos a hora de fazer a nossa própria casinha. Foi aí que comecei a viajar feito louca, trabalhando para poder pagar o terreno e, depois, a construção da casa. Lembro-me que, depois de passar onze anos em um sofá-cama, a primeira vez em que deitei para dormir na minha cama, no meu quarto, na minha casa própria, tive um ataque de choro de tanta emoção.

Na mesma ocasião, também construí uma casinha para meus pais, no Tatuapé. Na frente, ficava a casa do meu irmão Mário e atrás, no mesmo terreno, a casinha deles, com sala, quarto, cozinha e banheiro. Para levantar o dinheiro das construções, saía de casa no sábado e só voltava na

quinta-feira. Fiz programas de TV em Belo Horizonte e Recife durante três anos seguidos: de 1960 a 1963. E, para eu poder trabalhar, minha mãe tomava conta da minha filha Sílvia.

Apesar de estarmos o tempo inteiro na mídia, criei minha filha de uma maneira simples. Eu dizia sempre para ela: *Seus pais são conhecidos. Mas não somos ricos. Hoje, estamos empregados, mas o amanhã, não sabemos, porque essa nossa profissão é muito instável.* Acho que, de tanto eu repetir isso, ela nunca ficou deslumbrada com os pais que tinha. E jamais se interessou em seguir a vida de artista. Ela cantava muito bem e, apesar do resultado do teste vocacional que ela fez ter apontado talento para as artes, Sílvia fazia questão de afirmar: *Vou ser médica.* E eu respeitei. Desde criança, ela sempre teve uma atenção especial para com as pessoas mais humildes. E depois, nunca fui uma mãe invasiva. Também nunca fui mãe omissa. Ao contrário, apesar da minha luta, sempre fui bastante zelosa. Houve uma ocasião em que a Nenê foi fazer intercâmbio nos EUA. Ela estava com 17 anos e viajou naquele esquema de aprender inglês morando em uma casa de família americana. Eu estava aqui no Brasil, fazendo a novela *Algemas de Ouro*, do Benedito Ruy Barbosa, com direção do Dionísio Azevedo e do Régis Cardoso, na TV Record. E em

uma das cartas que recebi da minha filha, percebi só pelo jeito que ela havia me escrito, que algo não estava bem com ela. Eu fiquei desesperada. Queria vê-la o mais urgente possível. A Hebe falava que eu era uma mãe possessiva. Mas não era isso. Sílvia é a única filha que tenho, então, sempre todas as minhas atenções foram para ela. E, quando senti aquele aperto no peito, dei um jeito de viajar para os EUA. Conversei com o Benedito e fui bastante sincera. Expliquei a situação e pedi para que ele inventasse qualquer coisa na trama para que eu pudesse ficar algum tempo sem gravar. E assim foi feito. Ele deu um jeito para eu desaparecer da novela por alguns capítulos. Então, eu pude ver minha filha, que realmente não estava legal na casa onde morava. Quando cheguei nos Estados Unidos, liguei para Buffalo. Arrumaram uma pessoa que falava em espanhol – porque falo mal inglês –, e eu consegui arrumar outra família para a Sílvia em tempo de retornar ao Brasil e continuar a novela sem prejudicar meu trabalho.



O Corcunda de Notre Dame, Lolita faz seu primeiro papel de protagonista. Na foto, em cena, com Mário Alimari



Com 19 anos, em fotografia feita para fãs

Capítulo VIII

Caju Amigo

Todo o sacrifício valeu a pena. Só guardo boas recordações da nossa casa da Rua Maria Vidal, 46, no Sumaré. Era espaçosa. Só o meu quarto tinha um armário enorme, com 7,20 metros! Eu mesma decorei a minha casa, com móveis que fui comprando aos poucos e, assim, ela ficou bonita e bastante confortável.

Morar naquele bairro era uma delícia, porque nós tínhamos muitos amigos espalhados pela vizinhança. Todo mundo que trabalhava na Tupi morava lá perto, porque a TV ficava na Rua Alfonso Bovero. Essa proximidade colaborou bastante para que logo formássemos uma turma animada. Lima Duarte, Dionísio Azevedo, Laura Cardoso e o marido dela, o Baleroni, viviam em casa. Os nossos filhos foram criados juntos. Eles estudaram na mesma escola e também formaram uma turminha que brincava enquanto os adultos estavam reunidos. A minha casa logo se tornou um ponto de encontro. Fazíamos vários campeonatos de buraco. Nessa época eu estava no *Você Faz o Show*, da TV Rádio Clube, de Recife.

Dessas minhas viagens a trabalho para Recife, sempre voltava carregada de caju. Daí, o Airton

e eu inventamos mais um pretexto para encontrar os amigos queridos. Assim que eu chegava em São Paulo, preparava um caju amigo e todos que faziam parte do nosso círculo de amizade iam em casa beber e conversar. Dessa forma, criamos uma superfamília. O Lima e o Dionísio moravam pegados à nossa casa. O Walter Stuart morava pertíssimo, na Rua Bruxelas. Foi um tempo bom, em que se trabalhava alucinadamente, mas também havia um tempinho para se divertir. Saíamos muito para jantar. Eu era animadíssima. Já o Airton não. Ele não gostava de sair. Nem de dançar. Mesmo assim, me acompanhava. Quando chegava o Carnaval, ele queria morrer. Porque éramos sócios do Clube Internacional de Regatas, de Santos, e eu dançava sozinha feito louca as quatro noites. Para falar a verdade, sempre fui o tipo de pessoa capaz de dançar até com as paredes. E o Airton ficava, lá, sentado na mesa tomando seu uisquinho, esperando eu me divertir. Nunca se incomodou. Ele me respeitava muito. Sabia que eu não estava fazendo nada demais. O único programa que ele não suportava – e por isso não me acompanhava de jeito algum – era teatro. O que era engraçado, pois o Airton era um homem muito culto. Adorava ir ao cinema, amava ler.

Capítulo IX

Almoço com as Estrelas

Trabalhei como apresentadora inúmeras vezes. Mas o *Almoço com as Estrelas* foi, sem dúvida alguma, o programa que marcou a minha carreira. A idéia veio de um programa semelhante que fez sucesso em uma rádio de Buenos Aires, na Argentina dos anos 50. Lá, ele era comandado pela atriz Myrta Legrand. Em maio de 1954, a versão brasileira do programa estreou na TV. Era produzido pelo Airton Rodrigues e dirigido pelo Cassiano Gabus Mendes que, no início, se assustou com a idéia de servir comida para os entrevistados: *Mas vai aparecer gente comendo no vídeo?* Depois ele se conformou com o fato.

85

Nos primeiros tempos, o *Almoço com as Estrelas* foi apresentado pelo J. Silvestre. Depois, quem assumiu foi o Ribeiro Filho. O Airton e eu entramos como apresentadores em 1958. Mas eu saí do programa – e da Tupi – em 1960. Só que consegui um esquema diferente para mim: fiquei alguns meses fora do programa e retornei ao *Almoço com as Estrelas*, como *freelance*. Paralelamente, nesse período, fiz novelas na TV Excelsior e na Record. Apresentei esse programa, que era exibido no início das



Lolita entre o diretor Júlio Gouveia e a autora Tatiana Belinky, no Almoço com as Estrelas

tardes de sábado, durante muitos anos da minha vida e acredito que muita gente me conhece até hoje por causa do *Almoço com as Estrelas* e do *Clube dos Artistas*. Posso dizer que esse foi um dos períodos mais longos e deliciosos da minha vida.

Não havia um só artista famoso que não tivesse passado por um daqueles dois programas. Lançamos inúmeros talentos. Dessa fase, guardo



No 17º aniversário do Almoço com as Estrelas, recebendo homenagem do diretor Geraldo Vietri, 1973

passagens bem engraçadas. Para começar, acho que o Cassiano tinha razão: era mesmo esquisito filmar um montão de gente comendo e conversando no *Almoço com as Estrelas*. E, para falar a verdade, até onde eu posso me lembrar, pouca gente teve coragem de tocar naquela maionese servida pelo *maître* Batista, do restaurante Don Ciccillo. E isso não tem nada a ver com o fato da comida ser ruim. Mas é que dentro do estúdio, por causa das luzes, fazia um calor infernal, o que devia tirar o apetite de qualquer criatura. Um dos poucos que eu via se entregar à tal da maionese era o Jair Rodrigues. Ele foi apelidado de Garfinho de Ouro. Ia sempre ao programa para cantar, dar entrevistas e... para comer. Não sei como conseguia, com aquele calorão todo! Tanto o Airton quanto eu gostávamos – e eu ainda gosto – muito dele.

A cada programa, o Airton sempre convidava um montão de artistas, porque todo mundo era nosso amigo. E as pessoas que apareciam lá no programa se sentiam em casa. Alguns eram entrevistados, cantavam e mandavam seu recado para o público. Inúmeras vezes um ou outro artista se estendia na conversa além do tempo que estava previsto. Por isso, nem sempre todos os convidados conseguiam aparecer. O curioso é que, mesmo assim, eles nunca recusavam o convite do Airton.

Ninguém ficava bravo ou tinha faniquitos quando não tinha a oportunidade de aparecer com destaque nos nossos programas. Os artistas tinham o maior respeito por nós e pelo nosso trabalho. Então, se não dava tempo de um ou outro falar, a porta estava aberta para que quem ficou de fora do programa pudesse voltar quando quisesse. E as pessoas sempre voltavam.



Da esquerda para a direita: Ana Maria, Márcia Real, Moura Stuart, Marlene Morel, Marly Bueno, Maria Cecília, Lolita, Wilma Bentivegna e Heleninha Silveira. Todas trabalharam juntas, eram amigas e se reuniram no Clube dos Artistas

Era complicado apresentar o programa de modo que todos os convidados tivessem seus 15 minutos de fama. Eu confesso que nunca tive coragem de interromper um convidado! Então, alguns artistas pegavam o microfone e não paravam mais. Às vezes, eu percebia que determinada pessoa falava e falava, mas eu não dizia nada. Eu tinha consciência disso, mas não queria ser grosseira e deixava. Fazer o quê? O Airton é que ficava uma fera comigo. Nos bastidores, isso gerava algumas discussões entre nós durante os intervalos comerciais. Também existiam alguns problemas técnicos. Não sei dizer quantas vezes, mas já aconteceu de entrar o *playback* errado e o artista ficar sem graça. Era um vexame. Mas os tempos eram outros e jamais essas falhas fizeram com que artistas famosos deixassem de ir aos nossos programas. Roberto Carlos foi ao *Clube dos Artistas* duas vezes. Nara Leão e Marlene foram lá. Cauby Peixoto também gostava de ir tanto no *Clube* quanto no *Almoço com as Estrelas*. A audiência dos dois programas era ótima e eles realmente tinham um bom tempo para divulgar seus trabalhos.

Mas não pense que a gente só recebia os famosos. Também convidávamos artistas de nomes desconhecidos. Gente que era aspirante à celebridade fazia questão de ir aos programas, porque só o



Lolita embevecida pela voz e violão de Nara Leão. Ela foi cantar no Clube dos Artistas, acompanhada do marido, o diretor de cinema Cacá Diegues



Noite animada no Clube dos Artistas: Elke Maravilha, Lolita e Tony Tornado. No fundo, Airton



Entrevista com o costureiro Dener no Clube dos Artistas, 1970



Lolita observa para quem o publicitário Mauro Salles vai tirar o chapéu no programa Clube dos Artistas

fato de estar ali já dava bastante prestígio – e isso é fundamental para quem está em início de carreira. O *Clube dos Artistas* era gravado e, uma vez, a produção convidou um cantor internacional para se lançar ali no programa. Mas a noite foi chegando e o tal do convidado não aparecia. Os figurantes começaram a dormir e lá pelas três da madrugada surgiu o tão esperado convidado. A produção colocou o papel na minha mão para eu fazer a apresentação. E eu: *Vamos receber um cantor espanhol que já foi jogador de futebol...* Era o Julio Iglesias. Quando dei de cara com aquele homem lindo do meu lado, cantando bem – e de graça! – fiquei abismada. Pena que os figurantes ainda estavam com sono e nem devem ter prestado atenção à apresentação dele. Quase ninguém o aplaudiu quando a música terminou. Foi um desperdício! O sono era tanto que não souberam avaliar o grande talento de Julio.

95

Nos anos 70, Michael Douglas, que estava em início de carreira, mas aqui no Brasil fazia sucesso com o seriado *São Francisco Urgente*, foi ao *Clube dos Artistas*. Eu fiquei alucinada, porque eu era louca pelo pai dele. Depois que nos apresentaram, não resisti e disse, no meu péssimo inglês, que eu adorava o pai dele, o Kirk Douglas. E ele brincou: *Pois é... não sabe o que perdeu!* Fizemos a entrevista e ele saíria do programa

após nossa conversa. Mas quando soube que o Jorge Ben [hoje Benjor] iria cantar, pegou uma cadeira, sentou-se e ficou ali, bem no meio do palco, ouvindo a apresentação do Jorge. Acredito que uma das coisas que ajudavam a fazer o sucesso do programa era isso: a gente deixava



*No Clube dos Artistas, com o ator Michael Douglas:
Ele estava começando a fazer sucesso no seriado São
Francisco Urgente, anos 70*

todo mundo muito à vontade, como se estivesse em casa. Não havia cerimônias.

Eu sempre fui distraída e, por isso, cometia algumas gafes. No *Almoço com as Estrelas* eram tantos os convidados que eu me atrapalhava mesmo. Não conseguia decorar onde cada um estava sentado. Em um dos programas, a cantora Dóris Monteiro ergueu o braço e, como se estivesse em uma escolinha, berrou: *Lolita! Olha, eu aqui!* Em um outro programa de entrevistas que fiz na TV de Recife, também recorro de um fora absurdo. Lá eu também recebia muitos convidados. Certa vez, estava presente o governador de Pernambuco, que na época era o Cid Sampaio. Ele era cunhado do Miguel Arraes e os dois, por causa da política, eram inimigos ferrenhos. E não é que eu passei o programa inteirinho chamando o dr. Cid de dr. Miguel?



Retrato tirado em 1950 para o álbum de formatura do conservatório

Capítulo X

Diga Ca-va-lo!

Quando entrei na escola, no Grupo Escolar Brás Cubas, em Santos, minha mãe costumava me ajudar nos estudos. Então, assim que comecei a ser alfabetizada, ela me ensinava algumas coisas na hora da lição. Mas fazia isso do jeito dela: com sotaque espanhol. A letra H, por exemplo, era *atche* e eu, de tanto ouvir meus pais falando em casa, acabava achando que H era *atche* mesmo. Fora isso, eu tinha uma maneira espanholada de dizer muitas palavras. Depois de um tempo, eu já sabia ler e escrever corretamente, mas, por influência dos meus pais, ainda pronunciava *cabalo* em vez de cavalo, *baca* no lugar de vaca. E aquilo me incomodava, porque eu sabia que não estava falando a língua portuguesa de maneira correta e queria muito me livrar daquela minha limitação. Por isso, no ginásio, um dia, fui conversar com o meu professor de Português. Perguntei a ele o que deveria fazer para conseguir falar bem o português. E ele me aconselhou a ler Machado de Assis. Foi aí que me apaixonei pela leitura e, graças a ela, passei a falar bem.

Quando me casei com o Airton, ele, que também era amante dos livros, reforçou ainda mais esse

meu amor pela literatura. Me lembro até hoje do primeiro romance que li logo depois de casada: *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Fiquei encantada com o escritor e devorei tudo o que era dele. Depois li tudo de Jorge Amado, Eça de Queiroz, Érico Veríssimo... Quando gostava de um autor, ia a fundo e tratava de conhecer a obra completa. E, especialmente para minha carreira, ler foi de extrema importância, porque um ator deve ter boa formação cultural. Nunca encarei a literatura como obrigação. Sempre foi uma paixão. Lia porque gostava. Também não posso dizer que me tornei uma intelectual. Isso seria mentira. Nem eu nem o Airton fomos intelectuais. A gente não tinha esse negócio de conversar sobre livros. Claro que comentávamos uma coisa ou outra. Mas não era uma conversa literária. A gente era mais simples que isso. Gostava dos amigos, da família, do trabalho. Gostava das coisas que todo casal comum gosta. Tínhamos as mesmas alegrias e as mesmas preocupações que todo casal tem.

O Airton foi um homem que me encorajava a seguir minha carreira de atriz. A única coisa que ele não aceitava era que fizesse cena de beijo com os galãs das novelas. Para contornar o problema, sempre dei um jeito de conversar com os diretores e com os atores com quem iria trabalhar. Era meio

chato, mas eu chegava para o Bogus, para o Zara ou para o Tarsício e falava abertamente: *Olha, não quero que você me leve a mal. Não fique zangado comigo, mas o Airton não gosta e não quer que eu beije na TV.* Nunca tive nenhum problema com isso. Todos sempre me compreenderam e foram extremamente cavalheiros comigo. Na hora do beijo a gente dava um jeito de fingir e a cena saía. Isso nunca atrapalhou a minha carreira de atriz. Nem minha amizade com os atores. Depois, tem uma coisa: as novelas de antigamente eram mais ingênuas. Não tinham safadezas. Nem gosto muito de entrar nesse assunto, porque dá a impressão que eu sou muito conservadora. Não é isso. Mas eu sou do tempo daqueles filmes de Hollywood em que as intimidades entre os casais eram apenas sugeridas. Eu achava – e ainda acho – esse recurso lindo. Todo mundo entendia perfeitamente o que havia acontecido entre o casal, mas nada era mostrado explicitamente. A mocinha beijava o mocinho ou pegava na mão e a câmera enquadrava uma janela com a cortina esvoaçante. Era romântico. Aquilo fazia a imaginação voar, me fazia sonhar. Hoje em dia, parece que se não mostrar os detalhes, as pessoas não entendem. As novelas também estão assim. Eu sei que os tempos são outros, mas acho muito difícil uma mãe explicar para um filho o que está acontecendo quando aparece uma cena picante.

Mas, sei lá. Daqui a 50 anos, os padrões morais também serão diferentes dos padrões de hoje. Fui criada em um tempo diferente. A moral era rígida. Eu ainda me lembro que, quando era menina, morava em Santos, próximo do Canal 1, na Rua Dr. Carvalho de Mendonça. Ali perto havia uma casa em que a mulher estava sempre na janela. E, certa vez, andando com minha mãe, passamos em frente a tal casa. Ela segurou firme na minha mão e falou para eu não olhar para aquela dona, porque ela era uma mulher da vida. Eu nem fazia idéia do que poderia ser uma mulher da vida. Mas achei que era algo muito grave. Agora, não existe mais isso. A fulana fica grávida e logo sai nas capas das revistas. Mudaram os padrões. Mas eu fui criada de outro modo. Então, para mim, mesmo que o Airton não ficasse contrariado com o beijo de novela, acho que não beijaria de verdade, porque não precisa. Além disso, há uma coisa sobre o beijo de novela que poucos artistas comentam: fazer esse tipo de cena com um ator ou uma atriz que tem bom hálito não tem nada de mais. Mas houve uma vez na Record, não me lembro em qual novela... Uma colega nossa pediu para a produção colocar um cartaz pedindo para que todo o elenco tomasse o cuidado de escovar bem os dentes antes de encenar. Eu demorei muitos anos para aceitar fazer uma cena em que beijasse alguém. A Nair Bello nem abraçava, imagina beijar!

Meu primeiro beijo na boca – técnico, é claro – em novela foi dado no Carlos Zara, em *Sassaricando*. O Zara era um amigo de muitos e muitos anos e aí me senti à vontade para fazer a cena. Foi um caso especial porque havia aquela confiança e intimidade que só existe entre amigos de verdade.



Lolita na novela Sassaricando, da Globo, 1987



Lolita em outra pose para seu álbum de formatura do Conservatório, 1950

Capítulo XI

De Vida em Vida

Sou uma mulher de TV. Adoro ver TV. Amo ir ao teatro, embora hoje eu vá pouco por medo da violência que está cada vez pior em São Paulo. Mas, apesar de adorar assistir peças, nunca me passou pela cabeça fazer um espetáculo teatral. Detesto a idéia de ter de sair de casa todas as noites. Fico até com dor de estômago só de pensar nessa possibilidade. Já recebi alguns convites, só que recusei. Eu gosto mesmo é de interpretar personagens variados e desenvolver a personalidade de cada um durante o tempo do desenrolar da novela. E sempre vivi personagens bacanas. Na novela *Ilsa*, que fiz, em 1964, eu era a Maria, a mãe. O texto era da Lucia Lambertini, baseada em um romance de Von Rhodan. Era a história de uma menina, a Ilsa, que passou um ano em um pensionato e que, ao retornar para a casa, encontrava tudo diferente. A Lurdinha Felix era a garota. E também estavam no elenco Geraldo Del Rey, Rui Luiz e Lídia Costa. Em seguida, veio *Ambição*, onde eu era a irmã boa. O sucesso foi tão grande que o Carlos Manga pediu uma novela para o horário das 19h30. A novela que estreou o novo horário foi *Mãe*, de Ghiaroni. Um dramalhão. Eu era a moça pura que engravidava

do mocinho, o Tarcísio Meira. Mas o pai dele não queria saber do romance e me empurrava para os braços do vilão, interpretado pelo Ivan Mesquita. E como precisávamos de um ator para fazer o filho, o Zara sugeriu que lançássemos um concurso para descobrir um novo ator. Mas eu indiquei o Agnaldo Rayol para o papel, o primeiro da sua vida. Ele era cantor e meu amigo. Eram apenas 11 capítulos e achei que ele conseguiria fazer o personagem sem grandes problemas. O diretor e o elenco concordaram e assim foi. Sou dez anos mais velha que o Agnaldo. Então, para eu parecer mãe dele, me caracterizaram com olheiras, cabelos brancos. E ele tirou o trabalho de letra, como eu havia imaginado.

No ano seguinte veio *Ontem, Hoje e Sempre*, em que eu era a Laura, a protagonista boazinha. Esta foi a primeira novela das 21h. E a Elaine Cristina, linda, era a minha filha. Tinha também o Rui Luiz e o Geraldo Louzaro. Na novela *Em Busca da Felicidade*, de 1965, eu era a Anita de Montemór, esposa do Carlos Zara, que estava infeliz no casamento. Tudo porque o marido tinha uma filha com outra mulher, que era o personagem de Odete Lara. Sempre me convidaram para interpretar mulheres de boa índole. Mas na novela *Despedida de Solteiro*, do Walter Negrão, na Globo, eu tive a minha primeira – e

até o momento única – experiência de fazer um personagem mau. Eu vivi a Emília, que era terrível. Foi um momento difícil para mim como atriz, porque eu saía do estúdio muito triste.



*Em 1992, na novela Despedida de Solteiro, na Globo:
Fazer a vilã me angustiava muito*



*Novela Despedida de Solteiro, com Lúcia Veríssimo,
Globo, 1992*

Então, descobri que eu não sirvo para fazer papéis de mulheres más. Eu me contagio com a novela. Sou o tipo de atriz que sofre e ri junto com cada personagem que interpreta, então quando fiz um papel de vilã, fiquei amargurada. Agora, como Ornela, em *Zorra Total*, está uma delícia! Eu me divirto de verdade. Faço este programa com o mesmo prazer que teria se estivesse trabalhando em qualquer outra novela. Fora isso, estou adorando exercitar este meu lado humorístico. Mas não é fácil para mim. É necessário ter *timing* certo. Exige precisão para a piada não passar do ponto e perder a graça. Trabalhei com a Nair Bello, minha parceira e amiga. Ela era ótima e craque em comédia. Sabia cortar as palavras certas ou mudar uma frase para que a piada não perdesse a graça. Os outros atores também são sensacionais. Todos são amigos e engraçados. Rio tanto nas cenas... Acho que, por causa desse entrosamento, tudo sai de maneira bastante espontânea. Mas eu sou daquelas criaturas que dão o texto todo certinho. Não sou atriz de mudar os diálogos, colocar cacos. Eu leio e guardo tudo. Tenho boa memória. Decoro o texto dividindo as falas em partes. Enumero cada uma das falas e cubro com as mãos o resto do texto para focar bem no que estou lendo e decorando. Então, quando estou em cena, vou virando as páginas mentalmente.

Decorar texto de novela é fácil. E depois, tem uma coisa: quem grava todo dia e quem tem mais falas é a protagonista. Se você está no elenco de apoio fica mais simples, porque vai gravar aos poucos, picadinho.

Em novela, quando não tem cena externa, a gravação começa à uma hora da tarde. Então, você acorda, toma seu café, vai para o banho sossegada e, enquanto espera a condução que vai para o estúdio, vai estudando o texto e decorando as falas. Nunca tive problemas com isso. Às vezes, quando esqueço uma palavra ou outra, troco por um sinônimo. Mas mexer o texto do autor, nem pensar! Tenho o maior respeito. Ele se mata para escrever e o ator muda tudo? Não acho isso legal. Na minha opinião, o ator pode criar um bordão ou um trejeito que não estava no *script*. Eu mesma falo muito *Ai, minha virgem Maria Santíssima!* Só que isso sai naturalmente, porque é meu jeito de ser. E, no final, isso sempre acaba incorporado aos meus personagens.

Nunca fiz laboratório para compor meus papéis. Acho que é preciso ter discernimento. Não é porque eu vou viver uma mulher pobre que eu tenho de passar um tempo com uma pessoa pobre. Sinceramente, ninguém tem que passar dias em um prostíbulo para fazer uma prostituta na novela. Isso, para mim, é bobagem. Eu não

sou burra. Tenho idéia do que é uma prostituta: é uma coitada que se mata de trabalhar oferecendo seu próprio corpo para sustentar os filhos. Agora, se a pessoa vai interpretar uma tecelã, aí sim existe uma real necessidade de conviver um pouco com outras tecelãs, para saber como é que elas usam as mãos e como fazem o movimento enquanto estão trabalhando. Mas nunca tive um personagem tão específico assim, por isso, não precisei fazer laboratório.



Novela Rainha da Sucata, 1990, na Globo, com Maurício Mattar

Sou observadora e muitas das mulheres que já vivi têm alguma coisa das pessoas que conheço. Quando fiz *Rainha da Sucata*, eu era a empregada da Glória Menezes, uma mulher incrivelmente boa. Então, me inspirei na Edith, casada com meu irmão Mário, que é a mulher mais bondosa que eu conheço. Toda vez que faço uma espanhola, coloco muito da minha mãe. É natural que seja assim. Ela é a referência mais forte que eu tenho. Adorei fazer a espanhola Aldonza, na novela *Sassaricando*. Tinha um elenco maravilhoso. Foi um enorme prazer conviver com aquelas pessoas. A gente se divertia muito. E eu sempre gostei de fazer molecagens, de brincar com as pessoas. Às vezes, esqueço que já tenho certa idade e saio chamando todo mundo de *meu amor*.



Novela Sassaricando, com Paulo Autran, Globo, 1987

Envelhecer na TV não é fácil. Os papéis vão rareando. Antes de ser convidada para fazer a novela *Terra Nostra*, estava esquecida. A *Globo* não me chamava para nada havia cinco anos. Meu trabalho anterior tinha sido *A Viagem*, em 94. Estava me sentindo a mosca do cocô do cavalo do bandido. Quando começou a novela, achei a história criada pelo Benedito Ruy Barbosa maravilhosa. Adorei o trabalho dos artistas. Tudo muito bem cuidado, com a mão de ouro do Jayme Monjardim. Por isso, durante três meses, assistia religiosamente àquela novela. Não perdi um só capítulo, uma só cena. Isso fez com que eu desejasse muito voltar a fazer novela.



Na novela A Viagem, 1994, na Globo



Com a grande amiga Nair Bello, em A Viagem

No meu quarto tem uma imagem de Jesus. E eu ficava rezando para a *Globo* me chamar para fazer alguma coisa. De manhã, fiz uma oração ao Santo Expedito, o da causas impossíveis, e pedi: *Por favor, eu quero muito trabalhar*. Dois dias depois, o Jayme, que era quem estava fazendo a direção, me chamou para viver a espanhola Dolores, dona da pensão onde moraram Matteo e Giuliana. Fiquei muito feliz. E aliviada: ainda havia espaço para mim. Recebi um carinho dos colegas e do público que eu realmente não esperava. As pessoas me paravam na rua para elogiar. Adoraram meu



Em Terra Nostra, na Globo: Adorei esta novela. Fiz uma espanhola com muito da minha mãe

personagem. No set, a Maria Fernanda Cândido sempre se curvava diante de mim e beijava a minha mão como sinal de respeito. A primeira vez que vi o Thiago Lacerda ao vivo, fiquei espantada com a beleza dele. E por isso, não resisti a uma piadinha: *Se eu disser uma coisa para você, não fica zangado comigo?* E ele respondeu, todo simpático: *Não, imagina, dona Lolita!* Então, disparei: *Em primeiro lugar, não me chama de dona. Em segundo lugar, quando for no Natal, você passa lá em casa para comer 'nóis'?* O Thiago é um amor e começou a rir. Depois disso, ficamos amigos. E a

primeira coisa que ele fazia, antes de gravarmos, era me procurar: *Como está, Carinho?*, perguntava. E eu brincava: *Engana a velha, engana!* A Ana Paula Arósio era uma palhaça. Todo dia, antes de iniciarmos as gravações, ela chegava no estúdio e fazia uma vozinha igual ao do Piu-Piu: *Bom-dia, equipe maravilhosa. Vamos gravar!* Foi um imenso prazer estar ali no meio de artistas competentes e tão atenciosos comigo. Eu ficava emocionada. Eu também sempre fui muito brincalhona. Às vezes eu até esqueço a idade que tenho e faço umas piadinhas como o dia em que vi o Thiago no estúdio. Depois fico até com receio de parecer ridícula. Mas é meu jeito. Ainda bem que me entendem e não me levam a mal. Sempre tive a sorte de conviver com pessoas maravilhosas que sempre foram muito queridas comigo. A Cláudia Raia, toda vez que me encontra, vem fazer festa. Imagina só, aquele tamanho de mulher me abraçando, parece um urso. É uma delícia. A Regina Duarte é outra atriz que eu tenho um carinho enorme. Sem contar que contracenar com ela é um prazer. Ela é aquela atriz que faz a cena olhando fixo, dentro do seu olho e é de dar força para todos os colegas. A Patrícia Pillar é outro caso especial. Não sei se é porque eu fui a mãe dela em *Rainha da Sucata*, mas eu acho que ela é uma atriz sensacional e nós nos entendemos muito bem. Ela parece um anjinho quando está



Novela Terra Nostra, com Cláudia Raia, na Globo, 2000

interpretando. Também tenho grande admiração pela Irene Ravache, pela Bibi Ferreira, Fernanda Montenegro, Márcia Real, Laura Cardoso... nossa! São tantas atrizes que nem gosto de falar, porque sempre vou esquecer de alguém. Mas o gostoso é que, graças a Deus, eu só fiz amigos dos bons. O duro, para mim, é quando acaba uma novela. Porque a gente fica um tempão se vendo, um participa da vida do outro. E quando acaba a novela, é uma choradeira. Porque a gente sabe que os trabalhos levam cada um para outro canto. E, como a agenda de todos é complicada, ficamos sem nos ver. Aí vem a saudade. É difícil. Mas o lado bom é que fica para sempre aquele amor por todos com quem eu trabalhei. Para mim, pouco importa se é um artista famoso ou se é iniciante. Tenho carinho e respeito do mesmo jeito.



Regina Duarte e Lolita no coquetel de estréia da novela Anjo Marcado, TV Excelsior, 1966

Nunca tive o menor problema em dividir cena com quem está começando carreira. Acho que quem tem mais experiência pode colaborar e dar espaço para quem está chegando. Sempre fiz isso e não me arrependo. Os diretores com quem eu trabalhei também foram pessoas competentes, pacientes e extremamente amigas. O Cláudio Cavaltanti é um príncipe. Educado, carinhoso. Bom de conviver e de trabalhar. O Jayminho [*Jayme Monjardim*] é aquele mágico, capaz de ficar uma hora acertando a luz para depois a cena ficar deslumbrante. Fora isso, é um cavalheiro. O único diretor com quem trabalhei e achei difícil foi o Walter Avancini. Ele era muito exigente. Quando fiz a novela *A Última Testemunha*, na Record, eu era a dona de uma pensão, a Susana Vieira era a mocinha e o Agnaldo Rayol, o mocinho. E logo de cara, na primeira cena que gravei para a novela, o Avancini me fez repetir oito vezes. Desde esse dia, fiquei morrendo de medo dele. Mas eu já o conhecia desde o tempo em que era menino, quando trabalhamos na Tupi. Era um diretor fantástico. Mas extremamente detalhista.



Lolita aos 21 anos, em 1950

Capítulo XII

Nunca Quis Luxo

Não fiquei rica com a vida de artista. Também, posso garantir, essa nunca foi a minha intenção. Trabalhei como qualquer pessoa trabalha, para sobreviver. E nunca fui uma pessoa muito ligada em luxo. Não dou bola para jóias, não faço questão – e nem entendo – de roupas de grifes. Acho tudo isso uma grande besteira. E se é para dizer que eu tive algum tipo de luxo nesta vida, posso dizer que foi viajar. Todo dinheiro que entrou a mais, usei para esse fim. Mesmo assim, sempre gostei de viajar em excursão. Porque aí, a gente já forma aquela turminha animada, cria afinidade com uma e com outra pessoa e o passeio parece que fica mais divertido, porque tem companhia para sair à noite, jantar. Viajei bastante nesse esquema. Tinha uma amiga dona de uma agência e, em 79, fiz um roteiro de volta ao mundo. O girou durou 56 dias e foi maravilhoso. Por isso, posso dizer que conheço, praticamente, o mundo inteiro. Espanha, Tailândia, Nepal, Índia, Turquia, Grécia, Finlândia, Dinamarca, Suécia, Rússia. Nossa, eu fui uma pessoa que rodou! Mas faz tempo que não saio do Brasil. Antes quando gravava o Zorra Total viajava muito para o Rio. Agora tenho ficado em casa. Vou para João Pessoa, 2 vezes por ano para

visitar minha filha. Mas estou caseira. Mas estou caseira. Primeiro, porque estive doente. Tive um câncer no intestino em 2003. Descobri, por acaso, quando fiz os exames de rotina. Soube do câncer em uma sexta-feira, quando o meu médico, doutor Roberto Raduan, viu os resultados desses exames e me ligou para me contar. Na quarta-feira eu já estava sendo operada pela doutora Angelita Gama. Nem deu tempo de chorar. Só depois que a médica disse que eu estava boa e que não precisaria nem fazer quimioterapia é que chorei – de alívio! Emagreci 10 quilos. Mas agora não tenho saído muito. Vou pouco ao teatro, um programa que amo fazer. Estou deixando de dar minhas saídas, porque a idade está muito violenta. Só que prefiro não pensar nessas coisas. Faço os exames de controle e procuro não pensar mais nisso.

Tento pensar em outras coisas. Nas pessoas que eu gosto, no meu trabalho. Eu adoraria atuar mais. Gostaria de ter alguns papéis para eu interpretar até o fim da minha vida. Queria morrer trabalhando. Não em cena, porque morrer assim seria muito dramático. Só que ainda tenho o desejo de manter minha carreira até o fim. Sei que isso é difícil, porque as novelas não têm tantos personagens para os artistas mais velhos. É natural. Geralmente, as histórias são contadas a partir dos jovens, o que também faz parte da vida. Então, não adianta

se lamentar. É preciso encarar a vida como ela é. Aprendi com o tempo. Mas ainda não me considero uma mulher sábia. Apesar da minha idade e da minha experiência, tenho de confessar que, no fundo, me sinto uma garota. Eu não sei nada! Ainda tenho muito para aprender.



Na série Memórias de um Gigolô, Globo, 1986



Oradora na formatura do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, 1950

Os Trabalhos de Lolita

Programa Humorístico

Zorra Total (1999 – 2006) TV Globo

Curiosidade: *Ainda estou aprendendo o timing da comédia. Mas contei muito com a ajuda da Nair Bello, que era mestra. Também do diretor, que era muito paciente, e de todos os colegas. Eram pessoas sensacionais! Me divertia tanto que acho que é por isso que dava tudo certo.*

Personagem: Ornela

Diretor: Maurício Sherman

Elenco: Nair Bello, Paulo Silvino, Fábila Carla, Agildo Ribeiro e outros.

125

Telenovelas

Pé na Jaca (2006-2007) TV Globo

Personagem: Carmen Cabedelo.

Autor: Carlos Lombardi em colaboração com Vinicius Viana, Mauro Wilson e Nélío Abbade
Direção: Ary Cosloy, Gustavo Fernandez, Marco Rodrigo, Paola Pol Balloussier, Paulo Silvestrini e Ricardo Waddington.

Elenco: Murilo Benício, Deborah Secco, Juliana Paes, Marcos Pasquim, Fernanda Lima, Betty Lago, Elias Gleizer, Flávia Alessandro.



Na Novela Kubanacan, da Globo, em 2002

Kubanacan (2003) TV Globo

Personagem: dona Isabelita.

Autor: Carlos Lombardi, em colaboração com Emanuel Jacobina e Margareth Boury

Diretores: Alexandre Avancini e Carlos Boeckel

Elenco: Adriana Esteves, Marcos Pasquim, Humberto Martins, Betty Lago, Danielle Winits, Pedro Malta, Vladimir Britcha, Carolina Ferraz, Wolf Maia, Ângela Vieira, Nair Bello, Roger GobethIran Malfitano, Bruno Garcia e Daniel Del Sarto.

Uga Uga (2000) TV Globo

Personagem: Carmem

Autor: Carlos Lombardi, em colaboração com Margareth Boury

Diretores: Alexandre Avancini e João Camargo

Elenco: Lima Duarte, Humberto Martins, Viviane Pasmanter, Marcello Novaes, Cláudio Heinrich, Nair Bello, Betty Lago, Danielle Winits, Mariana Ximenes, Sílvia Pfeifer, Wolf Maya, Tato Gabus, Elias Gleizer, Taís Araújo, Delano Avelar, Roberto Bonfim, João Carlos Barroso, Ewerton de Castro, Marcos Frota, Mário Gomes, Denise Fraga, Vera Holtz, John Herbert, Cláudio Mamberti, entre outros.

Terra Nostra (1999) TV Globo

Personagem: Dolores, uma espanhola que é dona de uma pensão onde vão viver os protagonistas da novela, Matteo e Giuliana. *Trouxe muito da minha mãe para este papel*, conta a atriz.



Novela Terra Nostra, da Globo, 2000

Autor: Benedito Ruy Barbosa, com a colaboração de Edimara Barbosa e Edilene Diretor: Jayme Monjardim

Elenco: Ana Paula Arósio, Thiago Lacerda, Maria Fernanda Cândido, Antônio Fagundes, Raul Cortez, Paloma Duarte, Carolina Kasting, Odilon Wagner, Gabriel Braga Nunes, Jackson Antunes, José Dumont, Adriana Lessa, Elias Gleizer, Lu Grimaldi, Roberto Bonfim, Ângela Vieira, Débora Duarte, Gianfrancesco Guarnieri, Bete Mendes, Antonio Calloni, Débora Duarte, entre outros.

Louca Paixão (1999) Rede Record

Curiosidade: *remake* da novela *2.5499 Ocupado*

Personagem: Helena

Autor: Yves Dumont e Paulo Cabral

Diretor: Jacques Lagôa

Elenco: Maurício Mattar, Fabiana Alvarez, Mateus Carrieri, Karina Barum, Eliete Cigarini, Geórgia Gomide, Gracindo Júnior, Glauce Graieb, Ingra Liberato, Suzy Rêgo, Rodrigo Veronesi, entre outros.

Estrela de Fogo (1998) Rede Record

Personagem: Clara

Autor: Yves Dumont e Paulo Cabral

Diretor: Fernando Leal e Luiz Antônio Piá

Elenco: Gerson Abreu, Clarisse Abujamra, Luciane Adami, Marcelo Aguiar, Fabiana Alvarez, Gabriela Alves, Cynthia Benini, Marly Bueno, Mateus Car-

rieri, Denis Derkian, Ângela Dip, Jussara Freire, Jonas Mello, Antônio Grassi, Cristina Prochaska, Bia Seidl, Fúlvio Stefanini, Laerte Morrone, Vera Zimmermann, Rodrigo Veronesi e outros.



Sônia Ribeiro, Lolita e Armando Rosas, em 1953, na inauguração da TV Record

***Canoa do Bagre* (1997) Rede Record**

Personagem: Clarita

Autor: Ronaldo Ciambroni

Diretores: Atílio Riccó e Paulo Plínio Fernandes

Elenco: Clarisse Abujamra, Gianfrancesco Guarnieri, Edwin Luisi, Miriam Mehler, Márcia Real, Adriano Reys, Valéria Alencar, Rômulo Arantes, Maria Hilda Arvatti, Teresa Athayde, Nelson Baskeville, Othon Bastos, Victor Branco, Sílvia Salgado, Rubens Caribe, Solange Couto, Simone Carvalho, Ruthinéa de Moraes, entre outros.

***Razão de Viver* (1996) SBT**

Curiosidade: *remake* da novela *Meus Filhos, Minha Vida*, de Ismael Fernandes, Crayton Sarzy e Henrique Lobo, gravada em 1983, no mesmo SBT

Personagem: Rosita

Autor: Analy Alvarez e Zeno Wilde

Diretor: Del Rangel, Henrique Martins, Antônio Seabra

Elenco: Luciano Amaral, Ana Paula Arósio, Gabriel Braga Nunes, Sebastião Campos, Ju Colombo, Eduardo Conde, Adriana Esteves, Joana Fomm, Raul Gazolla, Petrônio Gontijo, Gianfrancesco Guarnieri, Elizabeth Hartmann, Bel Kurtner, Mayara Magri, Henrique Martins, Irene Ravache, Marcos Ricca, Fúlvio Stefanini, Cássio Scapin, Fernanda Souza, Vera Zimmermann e outros.

***A Viagem* (1994) TV Globo**

Personagem: Fátima

Autor: Ivani Ribeiro com colaboração de Solange Castro Neves

Diretor: Ignácio Coqueiro e Maurício Farias

Elenco: Antônio Fagundes, Cristiane Torloni, Cláudio Mamberti, Laura Cardoso, Nair Bello, Miguel Falabella, John Herbert, Ary Fontoura, Cláudio Cavalcanti, Mara Carvalho, Andréa Beltrão, Jonas Bloch, Denise Del Vecchio, Suzy Rêgo, Ricardo Petrágia, Myriam Pérsia, Jayme Periard, Guilherme Fontes, Danton Mello, Maurício Mattar, Lucinha Lins, Lúcio Mauro Filho, entre outros.

132

***Despedida de Solteiro* (1992) TV Globo**

Curiosidade: *Foi meu primeiro e – até o momento – único personagem malvado. E, confesso, foi muito difícil para mim, porque saía do estúdio muito amargurada. Acho que não sirvo para ser má.*

Personagem: Emília

Autor: Walter Negrão, com colaboração de Margaret Boury e Rose Calza

Diretores: Cláudio Cavalcanti e Reynaldo Boury

Elenco: Felipe Camargo, Paulo Gorgulho, Eduardo Galvão, Marcos Paulo, João Vitti, Sérgio Vioti, Ana Rosa, Helena Rinaldi, Letícia Spiller, Paulo Goulart, Mário Lago, Tássia Camargo, Buza Ferraz, Geórgia Gomide, Felipe Carone, Elias Gleizer, Othon Bastos, David Cardoso, Jayme Periard,

Patrícia Perrone, André Valli, Mauro Mendonça, Cristina Mullins, Danton Mello, Yoná Magalhães, Lucinha Lins, Lúcia Veríssimo e outros.

***A História de Ana Raio e Zé Trovão* (1990) Rede Manchete**

Curiosidade: *Não dei meu primeiro beijo na boca – de novela, claro – aqui. A imprensa noticiou muito isso, mas não é verdade.*

Personagem: Verônica

Autor: Marcos Caruso e Rita Buzzar

Diretor: Jayme Monjardim e Henrique Martins

Elenco: Ingra Liberato, Almir Sater, Tâmara Taxman, Nelson Xavier, Giuseppe Oristanio, Rui Resende, Xandó Batista, Yara Lins, Sérgio Britto, Micaela Góes, Roberto Bontempo, Jandira Martini, Elizabeth Hartmann, Roberto Frota e outros.

133

***Rainha da Sucata* (1990) TV Globo**

Curiosidade: *Nesta novela, eu fazia uma empregada, mãe da atriz Patrícia Pillar. Ela era uma pessoa extremamente boa. Para compor, me inspirei na Edith, minha cunhada. Ela é minha amiga de infância é a criatura mais bondosa que já conheci.*

Personagem: Lena

Autor: Sílvio de Abreu com colaboração de Alcides Nogueira e José Antônio de Souza.

Diretor: Jorge Fernando e Mário Márcio Bandarra

Elenco: Regina Duarte, Tony Ramos, Glória Menezes, Paulo Gracindo, Raul Cortez, Nicete Bruno, Lima Duarte, Fernanda Montenegro, Aracy Balabanian, Renata Sorrah, Daniel Filho, Marisa Orth, Antônio Fagundes, Marília Pêra, Renata Sorrah, Laura Cardoso, Cláudio Cavalcanti, Andréa Beltrão, Jorge Fernando, Ruth de Souza, Sílvia Bandeira, Ivan Cândido, Dil Costa, Gianfrancesco Guarnierei, Paulo Guarnieri, Cláudia Raia, Gérson de Abreu, Claudia Ohana, Jandir Ferraz, Marcello Novaes, Flávio Migliaccio, Cleyde Yaconis, Patrícia Pillar e outros.

***Sassaricando* (1987) TV Globo**

134 *Curiosidade: Nesta novela, dei meu primeiro beijo na boca – técnico, claro. Foi com o Carlos Zara. Mas só porque ele era meu amigo e havia muita cumplicidade entre nós. Fizemos muitas novelas juntos e eu sou amiga da Eva Wilma. Não dá para beijar qualquer um. Eu não consigo!*

Personagem: Aldonza

Autor: Sílvio de Abreu com colaboração de Eloy Araújo

Diretor: Cecil Thiré com Miguel Falabella e Lucas Bueno

Elenco: Paulo Autran, Tônia Carrero, Eva Wilma, Irene Ravache, Carlos Zara, Cristina Pereira, Diogo Vilela, Maria Alice Vergueiro, Ileana Kwasinski, Edson Celulari, Cláudia Raia, Angelina Muniz, Marcos Frota, Alexandre Frota, Jandira Martini, Laerte

Morrone, Maitê Proença, Angelina Muniz, Aldine Muller, Célia Biar, Roberto Bataglin e outros.

***O Direito de Nascer* (1978) Rede Tupi**

Personagem: Dora

Autor: Teixeira Filho, baseada na obra original da radionovela de Félix B. Caignet

Diretor: Antônio Seabra

Elenco: Lia de Aguiar, Eva Wilma, Ruthinéa de Moraes, Wilma de Aguiar, Adriano Reys, Denise Del Vecchio, Ana Carolina, Yolanda Cardoso, Xandó Batista, Alzira Andrade, Percy Aires, Clarice Carvalho, Janice Barreto, Jussara Freire, Henrique Martins, Miriam Mehler, Roberto Maya, Rodolfo Mayer, Beth Goulart, Antonio Leite, Walter Prado, Geni Prado, Rosamaria Seabra, Carlos Augusto Strazzer, Linda Gay, entre outros.

***Quero Viver* (1972-1973) TV Record**

Personagem: Severina

Autor: Amaral Gurgel

Diretor: Waldemar de Moraes

Elenco: Nathália Timberg, Laura Cardoso, Sebastião Campos, Wilma de Aguiar, Ney Latorraca, Lílian Lemmert, Rolando Boldrin, Carmem Silva, Rodolfo Mayer e outros.

***O Tempo não Apaga* (1972) TV Record**

Autor: Amaral Gurgel

Elenco: Nathália Timberg, Hélio Souto, Lílian



Amália Rodrigues, Rolando Boldrin e Lolita em Os Deuses Estão Mortos, na TV Record



Amália Rodrigues canta um fado no Programa Hebe Camargo para divulgar a novela Os Deuses estão Mortos – ao fundo, Carlos Augusto Strazzer, Lia de Aguiar, Lolita, e Márcia Real



Lolita entre Carlos Augusto Strazzer e Lia de Aguiar, em Os Deuses estão Mortos

Lemmertz, Rolando Boldrin, Márcia Real, Ewer-ton de Castro, Manoel da Nóbrega, Wilma de Aguiar, Eugênia de Domenico, Jonas Mello, Ney Latorraca, David Neto, Néa Simões e outros.

Os Deuses Estão Mortos (1971) TV Record

Personagem: Eleonora

Autor: Lauro César Muniz

Diretor: Dionísio Azevedo e Marlos Andreutti

Elenco: Rolando Boldrin, Laura Cardoso, Lia de Aguiar, Linda Gay, Cláudio Mamberti, Sérgio Mamberti, Márcia Maria, Jonas Mello, Márcia Real, Agnaldo Rayol, Amália Rodrigues, Fúlvio Stefanini, Carlos Augusto Satrazzer, Perry Salles, Adriano Stuart, Néa Simões, Célia Olga, David Neto, Márcia Maria, Newton Prado e outros.

138

As Pupilas do Senhor Reitor (1970) TV Record

Personagem: Joana

Autor: Júlio Dinis, Lauro César Muniz

Diretor: Dionísio Azevedo

Elenco: Dionísio Azevedo, Márcia Maria, Geórgia Gomide, Maria Estela, Agnaldo Rayol, Fúlvio Stefanini, Rolando Boldrin, Lia de Aguiar, Hebe Camargo, Manoel da Nóbrega, Sérgio Mamberti, Cláudio Mamberti, Carlos Augusto Strazzer, Ivance Sena, Márcia Real, Kadu Moliterno, Rogério Marcico, Nádia Lippi, Reny de Oliveira, Edy Cerri, entre outros.

***Algemas de Ouro* (1969-1970) TV Record**

Personagem: Linda

Autor: Benedito Ruy Barbosa

Diretores: Dionísio Azevedo e Régis Cardoso

Elenco: Fúlvio Stefanini, Geórgia Gomide, Susana Vieira, Rolando Boldrin, Sérgio Mamberti, Adriano Stuart, Ivan Mesquita, Célia Rodrigues, Teresa Campos, Linda Gay, Reny de Oliveira, Rolando Boldrin, David Neto, Ademir Rocha e outros

***A Última Testemunha* (1968-1969) TV Record**

Personagem: Constância

Autor: Benedito Ruy Barbosa

Diretor: Walter Avancini

Elenco: Susana Vieira, Agnaldo Rayol, Márcia de Windsor, Fúlvio Stefanini, Maria Estela, Helena Ignez, Geórgia Gomide, Laura Cardoso, Yara Amaral, Verinha Darci, Teresa Campos, Maurício do Valle, Altair Lima, Ayres Pinto, Ivan Mesquita, Márcia Maria e outros.

***Anjo Marcado* (1966) TV Excelsior**

Personagem: Júlia

Autora: Ivani Ribeiro

Diretor: Walter Avancini

Elenco: Regina Duarte, Karin Rodrigues, Paulo Goulart, Lurdinha Félix, Geraldo Del Rey, Paulo Figueiredo, Maria Isabel de Lizandra, Carminha Brandão, Otávio Augusto, Peirão de Castro, Arnaldo Fernandes, Nilo Márcio, entre outros.

Em Busca da Felicidade (1965-1966) TV Excelsior
Curiosidade: Sucesso da época, a novela foi uma das primeiras a ter longa duração, o que significava ter 207 capítulos, equivalente a oito meses de duração. Antes de a novela estreiar, o ator Paulo Autran foi substituído por Edmundo Lopes.

Personagem: Anita de Montemór

Autora: Talma de Oliveira, baseada em obra de Leandro Blanco.

Elenco: Carlos Zara, Odete Lara, Fúlvio Stefanini, Edmundo Lopes, Felipe Carone, Léa Camargo, Geraldo Louzano, Newton Prado, Francisco Negrão, Lídia Vani, Geraldo Del Rey, Sílvio Francisco, Maria Helena Dias e outros.

140

Ontem, Hoje e Sempre (1965) TV Excelsior
Curiosidade: Nessa época, Lolita era a estrela da TV Excelsior e, por isso, protagonizou essa, que foi a primeira novela das 21h.

Personagem: Laura

Autor: Fernando Baiela e Ciro Bassini

Diretor: Mauro Mendonça e Reynaldo Boury

Elenco: Rui Luiz, Elaine Cristina e Geraldo Louzano, Wilma Lopes, Rui Luiz, Turíbio Ruiz, Marina Mônaco, Vanda Marchetti, Humberto Militello, Neusa Mendonça, Clivanir Gregório, Maria Aparecida Baxter e outros.

O Pintor e a Florista (1964-1965) TV Excelsior

Personagem: Clélia

Autor: Cláudio Petrágli, baseada em novela de Alberto Migré.

Elenco: Armando Bogus, Cacilda Lanuza, Homem de Melo, Ivan Guimarães, Jurandir Linari, Geraldo Louzano, Machadinho, Marília Melilo, Vera Nunes, Dorothy Ritter.

Ilsa (1964) TV Excelsior

Personagem: Maria

Autora: Lúcia Lambertini, baseada no romance de Emmy Von Rhodan.

Elenco: Lurdinha Félix, Ângela Diniz, Yara Lins, Geraldo Del Rey, Rui Luiz e Lourdes Rocha, Dircinha Costa, Henrique César, Rui Luiz, Antônio Veloso.

Mãe (1964) TV Excelsior

Curiosidade: Transposição de um sucesso radiofônico para a TV. O cantor Agnaldo Rayol, ainda garoto, faz sua estréia como ator.

Autor: Ciro Bassini sobre a obra de Ghiaroni

Diretor: Carlos Zara

Elenco: Tarcísio Meira, Ivan Mesquita, Márcia Real, Rogério Cardoso, Canarinho, Murilo Amorim Correia, Maria Aparecida Alves, Bentinho e Agnaldo Rayol.

Ambição (1964) TV Excelsior

Personagem: Guida

Autor: Ivani Ribeiro

Diretor: Dionísio Azevedo

Elenco: Tarcísio Meira, Arlete Montenegro, Lídia Costa, Dionísio Azevedo, Mauro Mendonça, Turíbio Ruys, Paulo Villa.

Aqueles que Dizem Amar-se (1963) TV Excelsior

Autor: Dulce Santucci, baseada no original de Alberto Migré

Diretor: Tito de Miglio

Elenco: Carlos Zara, Neusa Amaral, Hélio Ribeiro, Neide Pavani, Paulo Villa, Maria Aparecida Alves.

2-5499 Ocupado (1963) TV Excelsior

Personagem: Laura

Autora: Dulce Santucci, baseada no original de Alberto Migré.

142

Diretor: Tito de Miglio

Elenco: Glória Menezes, Tarcísio Meira, Célia Coutinho, Lídia Costa, Neusa Amaral, Dinah Ribeiro, Maria Aparecida Alves.

Minissérie

Memórias de um Gigolô (1986) TV Globo

Autor: Walter George Durst e Walter Avancini

Diretor: Walter Avancini

Elenco: Bruna Lombardi, Lauro Corona, Ney Latorraca, Walter Forster, Ida Gomes, Selma Egrei, Castro Gonzaga, Serafim Gonzales, Oberdan Júnior, Ileana Kwasinski, Tim Rescala, Zilka Salaberry, Arlete Salles, Silveirinha, Zé Trindade e outros.

TV de Comédia

Em 1957, a TV Tupi estreou este programa que foi exibido até 1967, em inúmeros episódios, com muitos textos nacionais e sempre seguindo o gênero de comédia de costumes. As encenações eram feitas ao vivo e, assim como a *TV de Vanguarda*, o *TV de Comédia* ajudou a revelar a primeira geração de diretores, autores e atores da televisão brasileira.



José Parisi (de echarpe xadrez), Amilton Fernandes de smoking), Lolita e Márcia Real, em cena do TV de Comédia

***A Cigana* (1958)**

Autor: Antunes Filho e Geraldo Vietri

Diretor: Geraldo Vietri

Elenco: Older Cazarré, Lídia Costa, Amândio Silva Filho, Norah Fontes, Rubens Greiffo, Laura Prado, Araken Saldanha.

TV de Vanguarda

Este foi o primeiro e mais importante teleteatro da TV brasileira. De 1952 a 1967, exibido pela TV Tupi, o programa *TV de Vanguarda* também ajudou a revelar a primeira geração de atores, autores e diretores. Os episódios traziam muito de improviso e boa parte dos textos era adaptada dos clássicos da literatura estrangeira. E todos da equipe buscavam novas técnicas de interpretação para o novo veículo, a TV, que ainda estava à procura de uma linguagem.

144

***Véspera de Natal* (1958)**

Autor: Walter George Durst e Dionísio Azevedo

Diretor: Cassiano Gabus Mendes

Elenco: Eduardo Abbas, Lia de Aguiar, Odilon del Grande, Lima Duarte, Carmen Marinho, Carlos Menon, Francisco Negrão, Luiz Orioni, Turíbio Ruiz, Arnaldo Weiss.

***Os 39 Degraus* (1957)**

Autor: Walter George Durst e Dionísio Azevedo

Diretor: Cassiano Gabus Mendes



Lolita e o ator Lulu Benencase em cena de O Chapéu de Três Bicos, no TV de Comédia, 1958



Laura Cardoso, Jaime Barcellos, Lima Duarte e Lolita em O Chapéu de Três Bicos

Elenco: Percy Aires, Vida Alves, Fernando Baleroni, Marly Bueno, Fábio Cardoso, Rogério Márcico, Marlene Morel, Luiz Orioni, Araken Saldanha.

***O Chapéu de Três Bicos* (1957)**

Autor: Walter George Durst e Dionísio Azevedo

Diretor: Cassiano Gabus Mendes

Elenco: Jaime Barcellos, Marly Bueno, Laura Cardoso, Lima Duarte, David José, Luiz Leonan, Jussara Menezes, Turíbio Ruiz, Araken Saldanha e Néa Simões.

***Calunga* (1957)**

Autor: Walter George Durst e Dionísio Azevedo

Diretor: Cassiano Gabus Mendes

Elenco: Dionísio Azevedo, Batucada, Lima Duarte, Astrogildo Filho, Norah Fontes, Luiz Gustavo, Rogério Márcico, Henrique Martins, Douglas Norris, Luiz Orioni, Turíbio Ruiz.

Teleteatro

Exibido de 1951 a 1965, todo sábado à noite, ao vivo, pela TV Tupi, os teleteatros também tentavam criar uma nova linguagem para a televisão. No início era um *mix* de técnicas de teatro, cinema e rádio.

***Máscara de Ferro* (1958)**

Autor: Silas Roberg baseado na obra *Le Vicomte de Bragelonne*, Alexandre Dumas

Elenco: Lulu Benencase, Odilon del Grande, Henrique Martins, João Monteiro, J. Nogueira, Luiz Orioni, Turíbio Ruiz, José Soares, Arnaldo Weiss.

***Telefonista, Por Favor* (1958)**

Autor: Walter George Durst e Cassiano Gabus Mendes

Diretor: Cassiano Gabus Mendes

Elenco: Marly Bueno, Célia Rodrigues, Turíbio Ruiz.

***O Corcunda de Notre Dame* (1957)**

Autor: Mário Fanucchi, baseado na obra homônima de Victor Hugo

Diretor: Douglas Norris, Henrique Martins, Fernando Baleroni, Percy Aires, Chico de Assis, Norah Fontes, William Iard, Áurea Ribeiro, Turíbio Ruiz, Marisa Sanches, João Monteiro, Carlos Menon.

***O Volante Fantasma* (1957)**

Autor: Péricles Leal

Elenco: Lídia Costa, Percy Aires, Carlos Garcia, Henrique Martins, Luiz Orioni, Rogério Márcico, Turíbio Ruiz.

***A Canção de Bernardete* (1957)**

Autor: Franz Werfel

Diretor: Paulo Porto

Elenco: Eva Wilma, Norma Blum, Ida Gomes, Zilka Salaberry, Nair Amorim e outros.



Lolita faz uma mulher do povo, em figuração na adaptação para a TV de A Canção de Bernardete

***Posto Avançado* (1955)**

Autor: Péricles Leal

Elenco: Lima Duarte e Dionísio Azevedo

***Engenho das Almas* (1955)**

Autor: Péricles Leal

Elenco: Lia de Aguiar, Lima Duarte, Flora Geny, Lia Marques, Henrique Martins, Maria Cecília.

***Oliver Twist* (1955)**

Autor: Dionísio Azevedo, baseado na obra de Charles Dickens



Wilma Bentivegna e Adriano Stuart no teleteatro Oliver Twist, TV Tupi, 1955

Elenco: Adriano Stuart, Lima Duarte, Jaime Barcellos, Heitor Andrade, Laura Prado, Luiz Gustavo, Verinha Darcie, entre outros.

***Os Irmãos Corsos* (1955)**

Autor: J. Silvestre, baseado na obra de Alexandre Dumas

Diretor: Luiz Gallon

Elenco: Percy Aires, José Parisi e Adriano Stuart



Em pausa de Os Irmãos Corsos, TV Tupi, 1966: Minha carreira não foi planejada, mas foi acontecendo aos poucos



Lolita em A Casa de Bernarda Alba, TV Tupi



Lolita, João Monteiro, Lina de Roma, à esquerda, e Maria Vidal, à direita, em uma encenação de texto infantil de Tatiana Belinky, TV Tupi

Programas de TV

Você Faz o Show (1960 a 1963)

TV Jornal do Comércio, de Recife

Lolita era a apresentadora deste programa de entrevistas com celebridades e artistas.

Chá das Bonecas (início dos anos 60)

TV Tupi

Programa infantil patrocinado pela fábrica de brinquedos Estrela. Nele, a apresentadora Lolita



Lolita no programa Você Faz o Show, em Recife, com Odilon del Grande e Jorge Loredo, o Zé Bonitinho



Ao lado do amigo Fernando Castelão (à direita de Lolita), dono do programa Você Faz o Show, na TV de Recife, 1962, e com Cauby Peixoto



Como apresentadora do programa Chá das Bonecas, patrocínio Estrela, 1962. Convidados: Silvio Fernandes Lopes, sua esposa Arlete Souza Telles e filhos

entrevistava a família de famosos. Com produção de Airton Rodrigues.

***Clube dos Artistas* (1952-1980)**

Inicialmente apresentado por Homero Silva e Márcia Real para divulgar as artes plásticas e reunir a intelectualidade. Logo depois, foi assumido pelo casal Lolita e Airton Rodrigues que, a partir de então, passou a ser um programa de entretenimento, revelando e prestigiando artistas da música, teatro e televisão. Exibido toda sexta-feira, à noite, pertenceu durante anos à TV Tupi e teve passagem pelo SBT.

***Almoço com as Estrelas* (1954-1982)**

O programa começou em maio de 1954, na TV Tupi, tendo J. Silvestre como apresentador, Airton Rodrigues como produtor e Cassiano Gabus Mendes como diretor. Em 1958, o casal Lolita e Airton Rodrigues assumiu a apresentação do programa que ficou em cartaz até 1982, no SBT, com uma breve passagem pela TV Record. Exibido todo sábado, no início da tarde.

***Música e Fantasia* (início dos anos 50)**

J. Silvestre e Lolita eram os apresentadores deste musical que recebeu grandes nomes como o ator e cantor Grande Otelo, os maestros Erlon Chaves e Pablo Casals, entre outros. A direção era de Abelardo Figueiredo.

Filme

***Quase no Céu* (1946)**

Curiosidade: Antes de inaugurar a TV Tupi, o grupo Diários Associados fez uma incursão pelo mundo do cinema com a Companhia Cinematográfica Tupi, que produziu este filme.

Autor: Oduvaldo Vianna

Diretor: Oduvaldo Vianna

Elenco: Lia de Aguiar, Antonio Carillo, Dionísio Azevedo, Maria Vidal, Paulo de Alencar, Erlon Chaves, Oduvaldo Vianna Filho, Vida Alves, Heitor de Andrade, Lima Duarte, Flora Geny, Carmem Silva, Homero Silva, Hebe Camargo, Stela Camargo, Machadinho e outros.

Entre Amigos



Hebe, Lolita, Amélia Rocha e Wilma Bentivegna, Belo Horizonte, anos 50



Consuelo Leandro, Lolita, Raul Gil e Silvana Lopes: Esta foto foi tirada em uma festa espanhola na casa do Raul. Eu estava com um modelo que o Ronaldo Éper me deu para cantar no Festival Ottis, na Espanha. Não levei o prêmio de cantora, mas ganhei o título de cantora mais elegante!



Na festa dos pais de Hebe, aniversário de 60 anos de casados. A cantora Maysa tinha um programa nos anos 70, e aproveitou a presença do cirurgião plástico Dr. Raul Loeb, para fazer uma entrevista. Lolita estava se recuperando de uma plástica e foi à festa com um turbante emprestado por Consuelo Leandro



Lolita com Irineu, marido da grande amiga Nair Bello: Era o casamento do Zé Bello, filho dos dois. Na foto, parece que a gente vai se beijar na boca. E a Nair, gozadora como era, me mandou o retrato com seguinte dedicatória – Querida rival, o que me diz disto??? P... sacanagem – assinado Nair Bello Souza Francisco



Lolita e a amiga Wilma Bentivegna, também pioneira da TV, ótima cantora e atriz



Lolita e Linda Baptista, em Salvador, Bahia, 1947: Estava a trabalho, para variar



Dorinha Duval e Lolita, em um desfile para angariar fundos para a ARESP – Associação de Radialistas do Estado de São Paulo – criada por Airton Rodrigues



Paulo Goulart e Nicette Bruno: amigos de palco e de bastidores



Lolita na opereta O Mano de Minas, TV Tupi



Carlos Armando F. Rodrigues, Tônia Carrero, Lolita e Márcia Real, alguns dos amigos queridos



Lia de Aguiar, prêmio de melhor atriz, e Lolita, prêmio de melhor cantora internacional, durante cerimônia de entrega do I Troféu Roquette Pinto, 1950



Ronald Golias e Lolita no programa Melhores da Semana

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Duas Lolitas em Minha Vida – Eliana Castro	15
De Carne e Osso	21
<i>A Videota</i>	35
O Princípio de Tudo	41
A Era da Inocência	51
Nasce a TV Tupi	53
Olhos de Esmeralda	69
Onze Anos em um Sofá	75
Caju Amigo	83
<i>Almoço com as Estrelas</i>	85
Diga Ca-va-lo!	99
De Vida em Vida	105
Nunca Quis Luxo	121
Os Trabalhos de Lolita	125
Entre Amigos	157

Crédito das Fotografias

Bazilio Calazans (TV Globo) 113

Cinefotopress 162

Foto Cambuci 120

H. Becherini 150

Hollywood Foto 36, 39

J. B. de Campos Filho 148, 149

Radiomelodias 86

Roland 104

Romeu 62

Santiago 50

TV Globo 30, 103, 107, 108, 111, 112, 114, 115, 117,
123, 126, 128

A presente obra conta com diversas fotos, grande parte de autoria identificada e, desta forma, devidamente creditada. Contudo, a despeito dos enormes esforços de pesquisa empreendidos, uma parte das fotografias ora disponibilizadas não é de autoria conhecida de seus organizadores, fazendo parte do acervo pessoal do biografado. Qualquer informação neste sentido será bem-vinda, por meio de contato com a editora desta obra (livros@imprensaoficial.com.br/ Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109 / Demais localidades 0800 0123 401), para que a autoria das fotografias porventura identificadas seja devidamente creditada.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

Batismo de Sangue

Roteiro de Helvécio Ratton e Dani Patarra

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Maurício Zacharias, Karim Aïnouz e Felipe Bragança

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Paulo Morelli e Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de Invenção: Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Claudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboard de Fabio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Rattón – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro

Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida

Samir Yazbek

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, o Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 180

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Assistente	Edson Silvério Lemos
Editoração	Aline Navarro dos Santos Tatiana Regina Galletta
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Castro, Eliana

Lolita Rodrigues : de carne e osso / Eliana Castro – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

180p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-604-4

1. Atores e atrizes cinematográficos – Brasil - Biografia
2. Atores e atrizes de teatro – Brasil – Biografia 3. Atores e atrizes de televisão – Brasil – Biografia 4. Rodrigues, Lolita, 1929 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia 791.092

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
(Lei nº 10.994, de 14/12/2004)

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109
Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

editoração, ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br

Poucas pessoas podem ostentar com orgulho o título de verdadeiro ícone da televisão brasileira. Uma delas é **Lolita Rodrigues**.

Sua história se confunde com a da televisão brasileira. Nascida **Silvia Gonçalves Rodrigues Leite**, em Santos, a descendente de espanhóis Lolita começou a participar de programas da Rádio Record, de São Paulo, ainda criança. Cantora, atriz, apresentadora, teve o privilégio de cantar em 1950, na festa de inauguração da primeira TV brasileira, a TV Tupi Difusora dos Diários Associados. No início da carreira, embora já cantasse, de preferência canções de origem espanhola, sentia-se completamente à vontade também como atriz em TVs de vanguarda e de comédia (teleteatros domingueiros que se alternavam na Tupi).

Ainda na TV Tupi ficou famosa por apresentar durante muitos anos, juntamente com o marido **Aírton Rodrigues**, os programas *Almoço com as Estrelas* e *Clube dos Artistas*. Mais tarde fez sucesso em telenovelas da Record e recentemente na Rede Globo (*Sassaricando*; *Rainha da Sucata*, ambas de **Silvio de Abreu**; *A Viagem*; *Terra Nostra*; *Uga Uga*; *Pé na Jaca*; e mesmo no humorístico *Zorra Total*).

Sua belíssima trajetória é contada neste livro - depoimento da jornalista **Eliana Castro**, no qual Lolita Rodrigues revela-se uma pessoa extremamente simples e, em suas próprias palavras, "pé no chão".

Mais um grande lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, em seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural brasileira.



ISBN 978-85-7060-604-4



9 788570 460604